

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 113, QUAI VOLTAIRE.

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e anúncios
sólo à em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 12, Praça
da Almada, LISBOA; e no Brasil ao sr. José de
MELLO, 38, rua da Quitanda RIO DE JANEIRO.
Privado número à Paris, à France.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 15

PARIS 5 D'AGOSTO DE 1889

Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

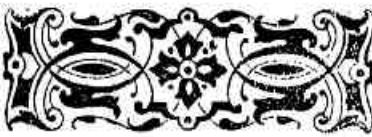
JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS:

ANHO (CÓRTE)	15.000 REIS
BENEFICIA (CÓRTE)	6.000 —
ANHO (PROVINCIA)	14.000 —
AVULSO	500 —



OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — S. M. NASSER-E-DIN, SHAH DA PERSIA.



CHRONICA

PRO PATRIA!..

A EUROPA tem sofrido tais transformações nestes últimos cem annos, e a situação política de cada Estado tem mudado tantas vezes de especie, que cada paiz, para afirmar a sua nacionalidade, se ve obrigado a ir mostrar as caprichos das grandes nações as provas materiais do seu estudo de civilisação. Hoje em dia já não bastam relatórios, mostrando por palavras e numeros quaiscos recursos de que cada paiz dispõe. É necessário vir, palpar, o que cada povo produz, e só assim é que elle se impõe ao respeito dos outros povos...

Ainda no começo d'este século a importância d'uma nação estava apenas dependente das suas alianças políticas e das suas forças militares. Ainda ha desenove annos a Prussia, pelo bocao do sr. de Bismarck, chegava a ter a audacia de querer convencer o mundo de que a Força estava acima do Direito! E os pequenos paizes como Portugal, assustados com semelhantes theorias dignas do Fru Diabo, olhavam tristemente para os seus minusculos exercitos, e convenciam-se de que estavam efectivamente à mercê do mais insolente. Isto é: — à mercê do mais forte!...

Ainda ha vinte annos era para todos um axioma: — que os pequenos nacionalidades tinham de ser absorvidas pelas grandes potencias europeias...

Felizmente que de 1870 para cá, a Alemanha tem a convicção íntima de que não é facil extorquir, devorar e digerir duas províncias (Alsacia e Lorena) que alias pareciam ter hábitos, tradições e tendências mais teutónicas, do que hábitos e tendências gaulezas... Que seria então assassinar e devorar um paiz, escravar um povo, com um carácter definido, e uma tradição de séculos?...

Ora dá-se agora um facto que destroçará os velhos processos dos diplomatas, e põe as pequenas nacionalidades ao abrigo das conspirações da escola bismarckiana. Os pequenos paizes que não podem fazer-se respeitar pela força bruta, recorrem hoje às exposições, e appellam para o suffragio dos povos, reunidos num ponto do globo, para julgar do Trabalho e da Intelligenzia humana. É affumim a sua independência pela florescência da sua industria, como a Belgica, pela originalidade dos seus pintores, como a Suécia, pela riqueza da sua agricultura e das suas colônias, como Portugal.

E estes pequenos paizes que não são chamados pelos diplomatas para as téticas alianças que por essa Europa se andam forjando, — ríem dos srs. diplomatas, contrabintido directamente, de povo para povo, as mais indesfrutáveis alianças d'interesses e de sympathias.

A Finlândia pode estar ainda hoje sob a ligeira tutela de Russia; a Servia pode estar sob a dependencia diplomática dos que se arvoraram em juizes da questão do Oriente; a Dinamarca e a Suissa podem estar sob o terror d'uma cidadã do sr. de Bismarck; Portugal pode estar sobressaltado com a idéia d'uma aliança oculta entre a Inglaterra e a Hespanha, com o fim de atacarmos contra a nossa independência e contra as nossas colônias.

Todos estes pezadólos se hão de dissipar em breve, não direi para sempre, mas por alguns séculos. Qualquer atentado ao statu quo da Finlândia ou da Servia; à independência da Suissa ou a Portugal, depois das sympathias que estes

povos tem conquistado nos últimos certames intercessores, não seria praticado impunemente, sem que em toda a Europa, da parte de povo, não houvesse um movimento geral de indignação e de revolta. O mesmo que se experimenta, quando se vê um bruto espancando uma criança, ou espancando uma mulher!

A opinião pública, começa também a ter peso na chamaida « balança da Europa », — o equilíbrio europeu já não é coisa fácil deequilibrar, quando a opinião não está do lado da diplomacia...

Nem a terrível Alemanha podia ser insolente com a Hespanha, por occasião do conflito ácceso das ilhas Carolinas; nem a Inglaterra o é hoje com Portugal, por causa de Lourenço Marques. É preciso escutar primeiramente o que diz a Europa, isto é, o povo. Se o desmembramento da Polonia fosse uma questão de hoje, a Polonia teria do seu lado todos os povos do Ocidente, fazendo respeitar a integridade do seu solo. Como respeitaria ha de ser a Suissa, apesar das mil combinações machiaveticas do sr. de Bismarck, para atenuar contra a sua independência.

Des pequenos estados da Europa, o que menos tem pensado formar a opinião pública a seu respeito, e tornar-se admirado pela sua riqueza agricola e pela sua importância colonial — é incontestavelmente Portugal.

Nós temos, como todos os paizes, um ministerio dos negócios estrangeiros, que é o encarregado de defender os interesses do paiz para além da fronteira. Sómente nesse ministerio ainda se trabalha segundo as antigas formulações diplomáticas dos velhos tempos, quando ainda a imprensa nem sequer era elemento de propaganda.

Todos os dias a imprensa estrangeira anda cheia de erros, não só ácerca da nossa política interna, das nossas fisionomias e da nossa agricultura, o que ainda desculpável, — mas até da nossa situação geográfica em África, que é para onde hoje convergem as vistos e ambícios dos grandes Estados, famílos de colonias, para darem salubrity no excesso de produção industrial, no excesso de população, e para darem emprego ao capital que de dia para dia vaca empobrecedo na Europa.

E esses erros cometem mundo; espalham-se por ignorância ou por malevolencia na imprensa francesa, Inglesa, italiana e alema; os nossos jornais somem dos erros dos collegas estrangeiros; e das nossas legações raras vezes saca um desmentido, raras vezes saca uma rectificação, desempenhando Portugal à face da Europa o papel d'um mandril que dorme suinamente à sombra dos louros conquistados pelos avós.

E os erros vão-se amontoando; os erros sucedem-se as insidias e as insinuações; e quando ninguém sabe na Europa, nem o que temos, nem o que queremos, nem o que fazemos, — surgen em nosso desabono essas vergonhosas questões do emprestimo D. Miguel e do caminho de ferro de Lourenço Marques, de tal modo confusas, gracas ás habilidades dos especuladores, — que poucos são os que sabem de que lado está a Razão e a Justica!

E contudo não nos faltam sympathias por todo a parte, principalmente em França. A nossa exposição do cais d'Orsay é d'issso a prova mais eloquente.

Todos os paizes fizeram grandes sacrifícios para concorrerem á Exposição de Paris. A Hespanha, a Inglaterra, a Itália, a Belgica, a Holanda, a Austria, por exemplo. Todos esses paizes se acham sumptuosamente installados, tendo gasto somente muito superiores aquellas de que os portuguezes disporram. Todos esses paizes procuram para as suas exposições do Campo de Marte, uma corrente de curiosidade e de sympathia que difficilmente obtem. Em-

quanto que o publico francês se depara com o nosso pavilhão onde flueua a bandeira azul e branca, exclama com calor:

— Tienst volta le Portugal!..

E o nosso pavilhão é visitado com interesse, os artigos colonizes e as fayancas das Caldas detalhadamente observados, os nossos vinhos provados com prazer, saboreados com gula. — como se o francês se sentisse realmente transportado para esse lindo e glorioso paiz do extremo occidente, onde sente que ha um povo que lhe é sinceramente aficcionado.

São todas estas sympathias, agora tanto em evidencia, que nós não devemos pôr de lado, justamente no momento em que somos atacados na imprensa hespanhol; em que somos insultados na imprensa inglesa; e em que não encontramos uma palavra de apoio e de defesa na imprensa alema, na imprensa d'esspaña que é nosso aliado nos interesses d'Africa, — aliado para nos devorar mais tarde alguma possessão, como sempre o fez a Inglaterra!..

É preciso que nos sejam profugos a nossa vinha a Paris. A riqueza de Portugal está na sua agricultura. O seu futuro político, a sua independencia etc, estão dependentes da sua grande colonial.

Excluimos de pensar na opinião pública em Inglaterra, que nos é manifestamente hostil. Tememos de ter do nosso lado a opinião da França, — e também da Alemanha, se esse auxilio nos não ha de um dia sahir bem caro..

Tratemos de fazer conhecido Portugal no estrangeiro. Não temos bastantes soldados para menor médo aos paizes que nos cubram. Mas podemos ter do nosso lado a opinião pública, a maioria da imprensa europeia, para num dado momento gritar: « alto id! » áquelles que tiverem a audácia de querer tocar nalguns dos nossos Thesouros.

Foi o « alto id! » da imprensa francesa, que também obrigou Bismarck a abandonar o conflito das Carolinas com o governo hespanhol.

MARIANO PINA.

ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

MISERIA

Era já noite cerrada,
Dir o filho: — O' minha mãe!
Debaixo d'aguella arcada
Passava-se a noite bem...

A cega, que todo o dia
Tinha levado a andar,
A tais palavras do guia
Senti-se reanimar.

Mas saltam dois cães de gado,
Que eram como dois leões.
Tinham os pateus uns morgados,
Para o guardar dos ladrões.

Metiam-se de novo á estrada,
E aonde haviam de ir dar?
Ao palácio da tapada,
Onde o rei ia caçar.

A ceguinha meio morta
Tornou o fillo: — O' minha mãe!
Ali, no ván d'umaporta,
Passava-se a noite bem.

— Se os cães deixarem..., diz ella,
A triste, num riso amargo,
Com effuso, a sentinelha:
— Quem vem id? passa de largo!

Então ceguinha ejilhinho,
Vendo a sua esperança van,
Deitaram-se no caminho,
Até romper a manha,

José da Costa.



PORTUGAL EM PARIS

A EXPOSIÇÃO portuguesa do Quai d'Orsay (não confundir com uma ridícula exposição d'indústria portuguesa, instalada pelo sr. Visconde de Melicio no Campo de Marte) de que apresentamos hoje vários aspectos — foi visitada pelo Presidente da República francesa no dia 9 de julho findo, e inaugurada solenemente no dia 10 do mesmo mês. Essa exposição consta:

- d'uma secção vinícola (vinhos do Porto, da Madeira, vinhos comuns tintos e brancos, e aceites);
- d'uma secção colonial;
- d'uma secção mineralógica;
- d'uma secção floral;
- d'uma exposição de fayangas artísticas da fábrica das Caldas da Rainha;
- d'uma exposição de conservas e outros produtos alimentícios;
- e d'uma exposição de licores e águas-ardentes.

Esta exposição acha-se instalada n'un palácio e n'un anexo, construídos no Quai d'Orsay, sobre o Sena. A construção é devida a um arquitecto francês M. Hermant, que procurou imprimir ao palácio, coroado por uma torre, o carácter das construções portuguesas do tempo de D. João V. Mas como os documentos e as indicações arquitectónicas comunicadas ao artista, por intermédio do sr. Visconde de Melicio, fossem naturalmente deficienteíssimos, — não se sabe ao certo se se tornaria dos olhos um palácio do século XVIII, excessivamente roçado, ou uma igreja...»

Quando o primitivo Comité de Paris apresentou ao Ex.^{mo} sr. Conselheiro Emygdio Navarro, então ministro das obras públicas, um projecto de anexo português sobre o Sena representando a nossa torre de Belém, ainda sr. de Melicio tinha a confiança do governo. E consultado sobre a matéria — recusou o projecto! E querendo dar, por intermédio do Comércio de Portugal, a razão pública da sua recusa da torre de Belém, respondeu no seu melhor tom conselheiral e extensamente Acacio: — «que seria profanar o monumento das nossas glórias, meter lá dentro uma exposição de vinhos e de artigos coloniais!»

E vac d'ahi, o sr. Visconde encomendou para Paris a tal construção D. João V, que nos notícias francesas passou a ser classificada de «Luis XV português!». Um novo estilo arquitectónico, que o sr. Visconde acha de pôr em circulação!...

Quanto não seria mais belo ver sobre a margem do Sena a reprodução d'esse glorioso monumento construído sobre a margem do Tejo! Alí fluctuaria galhardamente o venerável bandeira das quinas! E neste momento em que uma certa imprensa hispanola e inglesa parece decidida a depreciar-nos e a insultar-nos, mostrariam os europeus reunidos agora em Paris, o que somos, as riquezas que hoje possuímos, o espírito artístico que nunca nos abandonou, e que é a melhor prova da nossa vitalidade e energia — no momento em que fôr preciso saber fazer respeitar o solo sagrado da pátria!...

Mis o sr. de Melicio, homem pratico, desdenhou de tais considerações, e insistiu pelo século XVIII. A visão das passadas glórias, — preferiu a visão mais moderna e mais dóce da marcelada das freiras d'Odývelhas! E como o sr. de Melicio era euão o senhor absoluto da Exposição de Paris — fez-se a construção «Luis XV português!...

Tanto a empreitada do Palácio como o anexo foram confiadas à M. Jules Allard, 52, rue de Chateaudun, Paris.

A outra construção que se prolonga na nossa gravura, ao lado do nosso palácio — é o palácio francês dos produtos alimentícios. Assim farão os nossos leitores uma ideia do efeito geral d'esta margem esquerda do Sena, vista da ponte d'Alma.

O nosso palácio ocupa uma superfície de 300 metros quadrados — não contando com o anexo. Compõe-se d'um rez-do-chão, de dois andares, e

d'uma torre. Do solo ao extremo da torre, onde acentua a bandeira portuguesa, ha 35 metros d'altura.

BEX-BU-CHÃO

VENTILADOR INTRABIA. — Lado do cós, d'direita. Exposição de vinhos da Madeira, sendo principal expositor a casa Blandy Frères; — d'esquerda, parte da exposição de vinhos do Porto, organizada pela Delegação vinícola do Norte. Representante: sr. José de Villar d'Allen, membro do Comité português.

GRANDE SALA DO CENTRO. — Exposição dos vinhos do Porto, organizada pela Associação comercial do Porto. Representantes: srs. John Andresen Junior e Odílio Ribeiro, membros do Comité.

SALA DE MUSICA (sobre o Sena). — Exposição de florestas, organizada pelo sr. Pedro Roberto da Silva, membro do Comité.

SEGUNDA SALA (sobre o Sena). — Exposição de marmures: de produtos mineiros; e d'uma esplêndida coleção de fayangas artísticas das Caldas da Rainha.

PRIMERO ANDAR

EM TODAS AS SALAS. — Exposição das colônias, organizada pelos srs. Luiz d'Andrade Corvo, director do Museu colonial de Lisboa, membro do comité, e Rafael Lezameta. Também ali se vêem vários objectos pertencentes ao museu da Sociedade de Geografia de Lisboa; e uma preciosissima coleção de moedas e medalhas, pertencente ao Dr. Gerson da Cunha, ilustre numismata e orientalista, residente em Bombaim.

SEGUNDO ANDAR

GRANDE GALERIA CENTRAL. — Exposição de produtos coloniais.

SALAS SOBRE O RIO. — Exposição d'artigos coloniais e de fayangas artísticas das Caldas da Rainha.

SALA DE DIREITA (sobre o cós). — Exposição de conservas, d'água mineral e de licores, destacando-se entre estes a coleção de licores da fábrica Ancora de Lisboa.

ANEXO

REZ-DO-CHÃO E GALLERIA. — Grande exposição de vinhos tintos, brancos e aceites, organizada pela real Associação d'agricultura de Lisboa. Representantes: srs. Gerardo Augusto Pery, tesoureiro do Comité; Carlos Pinto Coelho de Castro, membro do Comité; José Guilherme Macieira, secretário d'essa Associação e membro do Comité; Carlos Campos e Julio Palmérino.

No rez-do-chão do anexo está instalado o bar das provas, onde se acham à venda todas as classes de vinhos portugueses expostos em Paris.

Toda a decoração artística e instalação, tanto do Palácio como do anexo, são devidas ao sr. Rafael Bordalo Pinheiro, director da fábrica de fayangas das Caldas da Rainha, membro do Comité, — e que revo ao seu lado o sr. Frederico Augusto Ribeiro, um artista português de grande valor, e que é digno de grande confiança que n'elle deposita Bordalo Pinheiro.

Do comité português de Paris colaboraram particularmente nos trabalhos da nossa exposição do Quai d'Orsay, os srs.: Bordalo Pinheiro — Camilo de Moraes — Carlos Pinto Coelho de Castro — Denfert Rochereau — Domingos Oliveira — Gerardo Augusto Pery — John Andresen Junior — José Guilherme Macieira — Luis d'Andrade Corvo — Mariano Pinto — Matheu Lugar — Odílio Ribeiro — Pedro Roberto da Silva — Visconde d'Azevedo Pereira — Visconde de Villar d'Allen.

*

O Presidente do Comité português de Paris é o sr. Conselheiro Mariano Cyrillo de Carvalho.

Foi o Ex.^{mo} que aconselhou o governo o delicado encargo de superintender sobre todo a exposição portuguesa em Paris, tanto do Quai d'Orsay, como do Campo de Marte. Depois de tantos conflitos a que tinha dado origem a primativa organização do sr. Visconde de Melicio, este encargo tornava-se deveras melindroso. Era preciso tomar resoluções energicas, sem de modo algum ferir susceptibilidades, vivamente irritadas.

E o Ex.^{mo} tanto em Lisboa como em Paris levou a cabo a sua missão, vencendo as mil dificuldades e complicações que surgiam inesperadamente, com o talento superior de quem conhece perfeitamente os homens, e o modo de desembuchar os complicados problemas em que elles se embrulham quotidianamente...»

O sr. Mariano de Carvalho aconselhou este deli-

cado encargo do governo, sem receber remuneração alguma do Estado. Quis assim mostrar ao seu paiz que todo o seu empenho era unicamente que Portugal tivesse hóje figura na Exposição universal.

E tanto assim era, tamanho empenho teve em que a nossa exposição fosse brilhante, que apenas o governo o convocou a superintender em todos os trabalhos, o primeiro colaborador que mandou chegar para junto de si foi Bordalo Pinheiro — porque sabia que só um artista do valor de Bordalo Pinheiro podia à ultima hora transformar o mau que se antevia em Paris, na deslumbrante exposição que todos hoje aplaudem.

Este acto de justiça para com o notável caricaturista — que tem sempre vivido tão fora das regiões oficiais — é mais uma prova do interesse que o sr. Mariano de Carvalho temu pelo bom éxito da nossa exposição, enfiando plenamente em tudo quanto Bordalo Pinheiro mandasse fazer, como decoração e instalação do Palácio e anexo.

* * *

A inauguração solene do nosso pavilhão, que terá lugar nôdo 10 de julho, assistiram — a colônia portuguesa e bras leirs, os comissários extrangeiros juntos da Exposição, e a imprensa parisiense e estrangeira. No rez-do-chão do anexo e n'uma sala do 1.^o andar do Palácio, serviu-se um abundante lanch, vendendo-se sobre as mesas os melhores vinhos portugueses, e doces portugueses mandados vir exprimadamente de Lisboa. Na galeria do anexo estava instalada uma orchestra. A reunião começou ás 12 da tarde, e só acabou depois das 6 horas.

É impossível citar todos os nomes, porque se fizeram cerca de 3.000 convites. Pudemos ainda assim apontar na nossa carteira os seguintes:

Conde e condessa de Vilhena — Visconde e viscondessa de Cavalcanti — M. e Mrs. Eça de Queiros — Carlos Lobo d'Ávila — Conde du Fréjat — Fernando Pinto — Conde d'Azevedo da Silva — M. e Mrs. José Ribeiro da Cunha — Barão d'Alcochete — Alfredo de Castro — Ramalho Ortigão — Conde do Restelo — Conde e condessa do Covo — Conde e condessa de Valenças — Carlos Relvas — Viscondessa de Massamá e Filhas — Viscondessa de Guaratinguetá — Eduardo Prado — Sant'Anna Nery — Marquês da Matinha — Visconde de Carvalhos — Pedro Bianco — Augusto Rosa — M. e Mrs. Augusto Ribeiro — M. e M^{rs}. Alfredo Mendes da Silva — Mariano Froes — Antônio d'Oliveira Mantello, presidente da Câmara Municipal do Porto — Teixeira Lopes — Thomas Costa — Salgado — Silva Porto — Dr. Miller Viana — Adolpho Barreiros — Jorge e Jayme Verde — Augusto Pina — Baronesa de Catty — Dr. Antonio Alves Ferreira — Pinto d'Aguiar — Barão d'Ornelas — Conde d'Alonso — Carols Duran — Conde de Cabral — Pinto de Magalhães — Dr. May Figueira — M^{rs}. e M^{rs}. Arnujo — Ernesto Pinto Bastos — Donizete da Gama — Dr. Argello Ferrão — Barão de Marajó — Barão da Estrela — Fernand Xau — Dr. Gerson da Cunha — Mota Prego — M. e Mrs. Nuno Querol — Batálha Reis — F. F. Benevides — E. Moreira Maiques — Eduardo Brázao — Barão de Forneiros — Viscondessa d'Abreu — atriz Rosa Barnasceno — M^{rs}. d'Ornelas — Souza Pinto — Director do Rappel — Director da Nouvelle Revue — M. e Mrs. Devooy — Marchand — Amédée Prince — Stenakères, deputado — Manuel Maria Rodrigues — Príncipe de Gaétan — Príncipe de Bôsaco — Eusebio Blasco — Redactores da Figaro, Temps, Matin, Gil-Blas, Echo de Paris, Lutteur, Soleil, Presse, Petit Journal, Journal des Débats, Voltaire, Sair, etc., etc.

Se quissemos continuar teríamos de escrever mais de 3.000 nomes!

* * *

Em resumo:

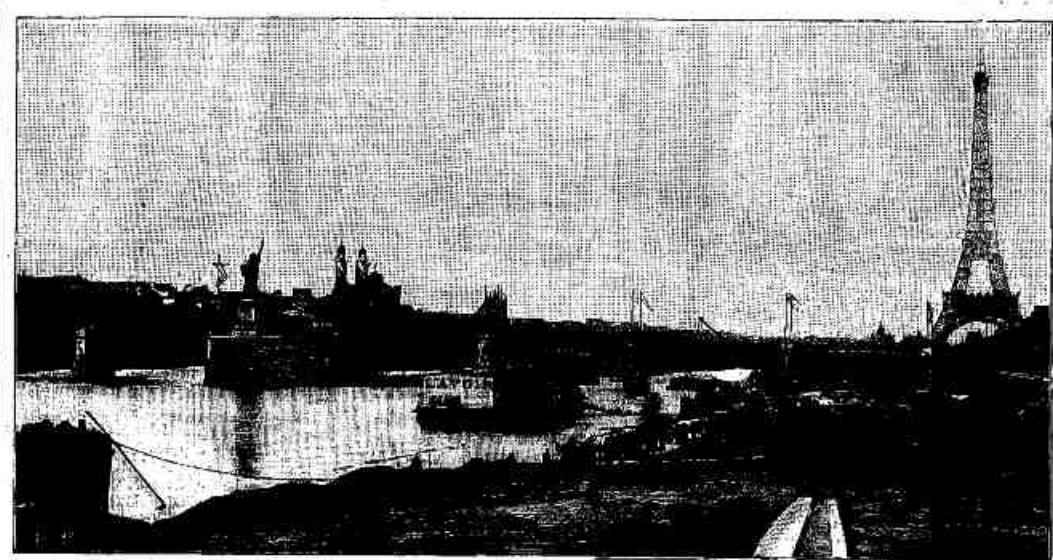
A exposição portuguesa do quai d'Orsay constitui um triunfo para Portugal, — não só pela sua instalação, como pela excellencia dos produtos e artigos expostos, porque nunca Portugal obteve tantas distincções dos júris internacionaes como está agora obtendo em Paris, no que diz respeito a fayangas, exetas e vinhos.

Neste triunho uma boa parte de gloria compete à imprensa lisbonense, quando entrou na famosa campanha contra Melicio, tão energicamente inaugurada nas colunas do Século e dos Pontos nos f.

A ILLUSTRAÇÃO só lhe resta felicitar os seus collegas de Lisboa pelos brilhantes resultados d'essa campanha, desejando que haja sempre entre todos a mesma união, de cada vez que for necessário sacrificiar um sr. Melicio ao bom nome da nossa terra... Porque Melicos não fazem em Lisboa; e é preciso estar preaviso contra esses senhores, que estão sempre milmando projectos, geralmente desastrosos para o paiz, de cada vez que os realizam.



OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — S. M. JORGE I, REI DA GRECIA.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A ESTATUA DA LIBERDADE, VISTA DO SEN.



AS PRÓXIMIDADES DO POÇO VERRILLIER, EM SEGUIDA À CATASTROFE.



O INTERIOR DA MINA

OS DRAMAS DAS MINAS. — A CATASTROPHE DE SAINT-ÉTIENNE (FRANÇA)

Haja vista à Exposição da Avenida — o primeiro florão da corda do sr. Visconde. O que ali se consumiu! Quanto para ali sangraram as artas do Thesouro!...

Julgámos do nosso dever reunir numa página os retratos dos comissários portugueses que mais directamente interviveram na organização da secção portuguesa da qual d'Orsay.

São os seis:

— Mariano de Carvalho, presidente do Comitê;
— Bordallo Pinheiro;
— Gérard Augusto Pery, que na ausência do sr. Mariano de Carvalho resolvia d'um modo tão superior a mil dificuldades inherentes a um tão vasta e tão complicada organização;

— Carlos Pinto Coelho de Castro, que se collocou ao lado de Bordallo Pinheiro para o coadjuvar em todos os trabalhos difíceis do instalação, em que chegaram a estar ocupados cerca de cem operários;

— Luiz d'Almada Corvo;
— Visconde de Villar d'Allun;
— José Guilherme Macieira;
— John Andrade Junior;

— e Mariano Pina, secretário do Comitê.
A Itinerância não podia deixar de prestar esta sincera homenagem aquiléus a quem se deve o bom êxito da Exposição portuguesa. Se a delicada empreza em que se livram abaluscando tivesse falhado — não fôssem trocas, nem assobios... E pertinho jôs! que elas agora recebem todos os louvores que lhes são devidos, pel' actividade, inteligência e patriotismo de que deram tantas provas.

O nosso distinto colaborador Parry encarregou-se de nos mostrar vários aspectos das salas de rez-de-chão do palácio e anexos portugueses do Quai d'Orsay, ornamentais por Bordallo Pinheiro.

O 1.º croquis representa um aspecto da exposição dos vinhos da Madeira.

O 2.º croquis, um aspecto da exposição dos vinhos da Delegação Vinicola do Norte.

O 3.º croquis, o centro da exposição dos vinhos do Porto, organizada pela Associação Commercial do Porto. Este croquis é idealizado por croquis dos manequins que representam os nossos tipos da ilha da Madeira, edum camponês do norte de Portugal, vestido com uma paixela.

O 4.º croquis representa um aspecto do rez-de-chão do anexo, onde se achou instalado o balcão de provas dos vinhos portugueses, servido por mulheres com os costumes do Minho, — e onde se achou instalada a grande exposição de vinhos organizada pela Real Associação d'Agricultura de Lisboa.

Por estes croquis os leitores da Ilustração poderão fazer uma idéia das maravilhas da decoração portuguesa, devida ao bom gosto e ao grande talento artístico de Bordallo Pinheiro, — cujas fayancas tanto relevo vieram dar à nossa exposição, e tanto sucesso tem obtido entre os primitivos condecoradores de Paris.

A EXPOSIÇÃO PORTUGUESA

JULGADA PELA

IMPRIMIRIA

QUANDO escrevemos — Exposição portuguesa — referimo-nos somente à nossa exposição vinicula e colonial, instalada por Bordallo Pinheiro no pavilhão do quai d'Orsay. De modo algum nos poderíamos referir a essa parada d'exposições d'industrias portuguesas, organizada pelo tal senhor aristocrate double d'industrie, que se chama Visconde de Melicio, e acércade que escrevia o nosso collega o Tempo, de Lisboa, do que é director o nosso ilustre amigo Carlos Lobo d'Avila: « A nossa exposição industrial é muito menos que mediocre. »

E da nossa exposição portuguesa do Quai d'Orsay que se ocuparam largamente os jornais de Paris dos dias 10, 11 e 12 de julho, relatando a visita do sr. Carvalho, Presidente da República, ao nosso pavilhão, onde foi recebido pelos srs. Gérard Augusto Pery, Bordallo Pinheiro, Visconde de Villar d'Allun, Carlos Pinto Coelho de Castro, Luiz d'Andrade Corvo, Mariano Pina, Andrade Junior, José Guilherme Macieira, Alfredo Mendes da Silva, Camilo de Monass, Domingos d'Oliveira, Visconde d'Azvedo Fernandes, — e também pelo sr. Visconde de Melicio, que teve o impudor de vir a receber o Presidente da República num pavilhão donde esse Melicio havia sido banido; que teve a audácia de querer receber honras e cumprimentos que só cabiam a Bordallo Pinheiro, e ess intaladores das nossas esposições vinicula e colonial.

Este procedimento inqualificável d'esse homem que queria monopolizar para a sua famosa Associação Industrial, a representação do nosso país no Campo de Marte, — foi vivamente e asperamente comentado por todos os portugueses que assistiram à visita do Presidente da República francesa. Porque nada havia de mais revoltante do que ver esse Melicio atravessar a enebar no pavilhão do quai d'Orsay, onde ele nunca havia posto os pés, para receber as felicitações do Presidente da República, acerca d'uma instalação de que só cabiam honras a Bordallo Pinheiro.

Mas o que dividiu deveras as pessoas presentes, era o sr. Carnot para diante de todos as fayancas de Bordallo Pinheiro, fazer d'elles o maiorelogio, e o Visconde de Melicio, n'um francês digno de palmaria, não saber dar a menor explicaçao acerca das nossas fayancas nacionais, nem de fabrica das Caudas da Rainha!,.. De modo que o sr. Carnot teve de abandonar este círculo oficial, chamado Melicio, e charmar para o seu lado Bordallo Pinheiro e o sr. Gérard Pery, para o acompanharem na sua visita de outras salas do pavilhão....

E apesar d'este diplomático d'incompatibilidade passado pel' se, Carnot — Melicio ainda teve o arrojo de entrar na sala do Comitê, e de beber a saudade da França, levando nos beijos um copo de precioso Porto, — desse vinho do Porto que elle queria excluir da exposição de Paris, para só mostrar aos franceses que nós fabricámos no domínio do chinillo d'ouello e do barrete de dormir!...

As seguintes notícias alludem pois ao nosso pavilhão do quai d'Orsay instalado por Bordallo, e que foi solemnemente inaugurado no dia 10 de julho findo.

Bastou ver o que escreviam o Soleil, jornal que é director o sr. Eduardo Harve, membro da Academia Francesa, e o Martin, um dos jornaços mais lidos de Paris, para os nossos leitores fazerem uma idéia dos termos em que falou a imprensa francesa do nosso pavilhão.

Escreve o Soleil:

Le pavillon portugais à l'Exposition

A quelques pas de point de l'Alma, sur le quai d'Orsay, um superbe pavillon de style Louis XV déparellé assombrissante blanche sur lieuevo ou baigne ses assises. Au faute de la tour qui domine le pavillon, flotte au vent la drapem portugais, bleu et blanc, aux armes de la Maison de Bragance.

C'est dans ce pavillon que la section portugaise a exposé ses produits: vins, bois, objets de vannerie, dentelles coloniales, minerais, marbres, faïences artistiques, etc. Ge coin de l'Exposition universelle est à coup sur l'un des plus attrayants et sera certainement très visité et très admiré.

Le pavillon, dont la façade est en bordure de la Seine, a été construit par un architecte français, M. Hermant, qui a choisi par un architecte portugais, que l'architecture portugaise du XVIII^{me} siècle. Peut-être eût-il été préférable de choisir, parmi les nombreux monu-

ments du Portugal, des morceaux plus caractéristiques et pouvant donner un aperçu plus juste de l'architecture pittoresque de ce pays. Une reconstruction de la tour de Belém, complétée par l'adjonction du cloître des Jérémias, eut fait connaître cette architecture du style mi-gothique, mi-islamique, auquel on a donné le nom de style manuélique. L'annexe qui réunit le pavillon portugais au palais de l'alimentation eût pu être décoré au moyen de ces plaques de faïence d'un si curieux effet sur lesquelles citaçõez le long des collines qui bordent le Tage.

Quoi qu'il en soit, cette reserve fait, le pavillon portugais, est encore l'un des plus gracieux qu'il fait sur l'exposition.

La décoration intérieure, une parte merveille de goit, est entièrement due à M. Raphael Bordallo Pinheiro, le grand artista portugais, qui a su mettre chaque chose en son place et marquer le moindre coin d'ame nota particularité qui est comme l'esprit des produits exposés. M. Bordallo Pinheiro dirige en Portugal, la grande fabrique nationale de faïences de Caçadas da Rainha, qui fait revivre a vieille céramique portugaise. Il a non seulement groupé dans une partie do pavillon du quai d'Orsay quelques-unes des peças de cette importante manufacture afin de monter um ensemble do travail qui s'y fai mais, compensant tout le parti qu'il pouvait tirer de ces peças d'art au point de vue décoratif, il en a disséminé um grande nombre dans les diversas salas do pavillon, ou elles montam o efeito de leurs equipes delicadas e resplandecentes os yeus par a pureza de suas formas.

La gare do pavillon a été confiada a des gardes-forestiers portugais, coiffés d'uns large chapeau de feutre, vêtus d'uns large tuniques gris, la culote de gros drap serrée dans de hautes guêtres.

En entrant dans le pavillon par le berge même de la Seine, on se trouve tout d'abord dans une salle où sont espousés les vins de Porto e les vins de Madère. Des mannequins, grandeur naturelle, nous font connaître les pittoresques costumes dos payans de certe villes portugaises et, sur les panneaux, dans des cartes de draperie, nous apercevons Porto e Madère avec leurs escarpements ensolelis.

La suite de droite donnant sur la Seine a été réservée à l'exposition des forêts. Là est exposé tout ce qui se rattaché à l'industrie do bois e à ses dérivés: à la chasse, à la vannerie, etc.

Toujours au rez-de-chaussée, nous trouvons les produits des mines, la collection des marbres de Portugal et une collection d'ensemble des peças les plus curieuses de la manufacture nationale de faïences de Caçadas da Rainha.

Au premier étage a été disposée l'exposition des colonies portugaises, riche en produits divers et en documents ethnographiques, dont le plus part provenient do Musée des colonies de Lisbonne et de la Société royale de géographie.

Dans l'annexe, reliant le pavillon portugais au point de l'alimentation, se trouve la grande exposition de vins e d'huiles, organisée par l'Association royale d'agriculture de Lisbonne. Autour de cette annexe circule une galerie couverte de vignes, du plus curieux effet. Les balcons de cette galerie sont drapés avec des étoffes multicolores et ornés de grandissimes décorations en faïence. A signaler dans cette salle de belles reproductions d'ajójeiros do style arabe.

Nous avons dit que l'honneur de la décoration du pavillon portugais revenait à M. Raphael Bordallo Pinheiro. Il serait injuste de ne pas complimenter également les membros do comitê d'organisation da section portugaise qui se sont dépêssés, sans compter, depuis plusieurs mois pour donner à cette exposition le relle que possède.

Ce comitê, à la tête duquel se trouve M. le conseiller Mariano Cytilio de Carvalho, ancien ministre das finanças do Portugal, compte dans son sein de nombreux personnalités da colonia portugaise, dont les sympathies pour notre pays sont des plus chaudes. Le secrétaire do comitê est notre aimable confrère, M. Mariano Pina, director de *A Ilustração Portuguesa*, dont a actividade ne s'est pas démentie depuis a période si difficile do début, jaquoch jour de l'inauguration, e que goûte aujourd'hui a joie d'avoir associé son nom a une œuvre utile a son pais.

Escreve o Martin:

L'inauguration du pavillon portugais.

M. Carnot avait été reçu avant-hier par le comitê de l'exposition portugaise. Hier, les commissaires

avaient invité au pavillon, tous leurs compatriotes résidant à Paris, les amis du Portugal et la presse à admirer le bon goût et l'exquise ornementation de leur exposition.

Un lancer était servi dans le hall, et on y a dégusté des crus hors de pair. Porto, Madère, Malvoisie, coulaient à flots, tandis qu'un excellent orchestre faisait entendre l'air national portugais et la *Marseillaise*.

L'architecture du pavillon, bâti sur la berge même de la Seine, est des plus gracieuses et des plus riches. Mais le décorateur a encore surpassé l'architecte. Il a tiré des deux principaux produits du pays, le vin et la pêche, des motifs d'une riante originalité. Ce ne sont que treilles, que grappes de raisin disposées de la manière la plus pittoresque, tandis que les galeries sont ornées de filets de pêche garnis de poissons multicolores en faïence émaillée.

Le pavillon portugais sera l'un des grands attraits des annexes de l'Exposition.

Lê-se no Brasil, hebdomadaire que se publica em Paris, sob a direção do nosso distinto colégio dr. Argollo Ferrão:

Très réussi le pavillon portugais du quai d'Orsay où les vins renommés de Porto et de Madère, de Collares et de Setubal, de Muscatel et de Bucellas, rivalisent avec les collections des produits forestiers et des mines, des articles appartenant à la riche collection de la Société de Géographie de Lisbonne, et les plus délicates faïences artistiques de la fabrique de Caldas da Rainha, fondée en 1884, par M. Bordallo Pinheiro, dans le but de faire renouer la vieille céramique portugaise.

L'exposition des colonies portugaises, organisée par M. Luiz d'Andrade Corvo, conservateur du musée des colonies de Lisbonne, avec le concours de M. Larameta, est aussi très complète et dénote les immenses ressources qu'a le Portugal dans ses possessions d'outre-mer.

Ce pavillon est l'œuvre de l'architecte français M. Hermant, qui a pleinement réussi à reproduire dans sa construction l'architecture portugaise du dix-huitième siècle; il occupe une surface de 500 mètres carrés et se compose d'un rez-de-chaussée, de deux étages, et d'une tour de 35 mètres de hauteur où flotte le drapeau bleu et blanc de Portugal.

L'inauguration du pavillon portugais a eu lieu le 10 courant. M. Carnot, président de la République, ayant été reçu en cette occasion par M. le comte de Valbom, ministre plénipotentiaire de S. M. le Roi de Portugal, vicomte de Melicio, président de la commission de Lisbonne; vicomte d'Alvedo-Ferreira, et Gerardo Augusto Pery, membres du Comité portugais, qui a collaboré aux travaux du pavillon, et Mariano Pina, notre distingué confrère de la *Illustração*, et secrétaire général du dit comité.

Lê-se na Gazette diplomatique:

Le pavillon de Portugal

Parmi les nombreux pavillons étrangers disséminés dans l'Exposition, il en est un qui attire particulièrement les regards des visiteurs par sa forme gracieuse, sa couleur claire, se détachant nettement de tout ce qui l'entoure. C'est le pavillon du Portugal, inauguré la semaine dernière par le Président de la République.

Le pavillon du Portugal est situé sur le bord de la Seine, près du pont de l'Alma. Il a été construit par un architecte français, M. Hermant.

La décoration intérieure, une merveille de goût, est l'œuvre d'un grand artiste portugais, M. Raphael Bordallo Pinheiro, qui dirige en Portugal la grande fabrique nationale de faïences de *Caldas da Rainha*, correspondant à notre manufacture de Sévres comme célébrité. Du reste, le public peut se rendre compte de la variété et de la valeur des objets produits par cette manufacture, car M. Bordallo Pinheiro a su grouper ses plus jolis modèles dans une partie du pavillon du Portugal, et pour montrer tout le parti décoratif que l'on pouvait en tirer, il a disséminé à droite et à gauche des pièces détachées qui se marient agréablement à l'ensemble de l'exposition.

En visitant rapidement le pavillon, on remarque, en entrant par la porte de la berge, une salle où sont exposés les vins de Porto et les vins de Madère. Des mannequins grandeur nature représentent

les pittoresques costumes des paysans de ces deux villes.

A droite, une salle a été réservée à l'exposition des forêts.

A côté, les produits des mines, les collections de marbres et un ensemble curieux des produits de la manufacture nationale des faïences de *Caldas da Rainha*.

Montons au premier étage; là, c'est surtout l'exposition des colonies portugaises. On y remarque des collections des plus curieuses qui ont été présentées par les différents musées de Lisbonne et des colonies.

À deuxième étage, car il y a un deuxième étage, est une exposition de produits alimentaires et d'objets divers qui n'ont pu être classés dans les grandes catégories.

Redescendons au rez-de-chaussée, ou plutôt regardons le rez-de-chaussée du premier étage, car on a ménagé à hauteur de l'étage une galerie où sont drapées des étoiles multicolores et qui fait tout le tour du bâtiment. Le plafond de cette galerie est formé de treilles où courtent des pampres de vignes; on se croirait transporté dans le plus beau vignoble de Porto ou de Madère. Les murs sont recouverts de grands sujets décoratifs en faïence de meilleur effet.

Certes, M. Raphael Bordallo Pinheiro a su une grande part pour l'organisation du pavillon du Portugal, la plus grande, pouvons-nous ajouter; mais il serait injuste de ne pas reconnaître qu'il a été puissamment aidé par les membres du comité d'organisation, qui se sont, eux aussi, donné beaucoup de mal.

À la tête de ce comité, se trouve M. le conseiller Mariano Cyrillo de Carvalho, ancien ministre des finances du Portugal. Le secrétaire du comité est un de nos plus aimables confrères, M. Mariano Pina, directeur de *l'Illustration portugaise*. Les autres membres sont des personnalités dont les sympathies pour notre pays sont des plus chaudes et que nous remercions de la confiance qu'ils nous ont montrée en engageant leurs compatriotes à contribuer au succès de notre Exposition.

FERNAND LEFFÈRE.

Numa carta de Paris publicada no *Tempo* e assinada C. (Carlos Lobo d'Avila) encontramos os seguintes períodos acerca da nossa exposição do quai d'Orsay, e acerca da mediocre e triste exposição industrial portuguesa, organizada no Campo de Marte pelo sr. de Melicio, o tal *Aristocrate double d'un journaliste* (!!) como assim se fez chamar no *Guide bleu do Figaro*:

Meus caros amigos :

Não são capazes de imaginar os que nunca sahiram de Portugal, o prazer que se sente quando se encontra cá por fôra, no meio d'essa confusão, ao mesmo tempo estranha e deslumbradora, da civilisações e daspectos tão diversos, um bocadinho da patria ausente. Não sei se isto é patriotismo, se é patriótico, nem quer renovar, n'estas modestas cartas, excriptas *la diable*, a polémica ultimamente levantada no nosso parlamento, entre dois dos maiores talentos da nossa terra. Sei que é um sentimento sincero, irresistível, o que nos salta, e que me não convergente de o confessar. Não é sem um certo enternecimento e um certo orgulho, que vemos, no meio das maravilhas do Campo de Marte, sobre um elegante pavilhão em que se releva a arquitetura original e característica dos nossos monumentos nacionais, fluctuar alegremente a bandeira das quinas — aquela famosa bandeira que a rhetorica indígena e os arraia-sertanejos nos fazem á vez achar quasi ridícula, e que aqui nos captiva e nos commove, como o símbolo amado e alto da Patria. Riam, se quizerem, os scepticos; trocem, se quizerem, os espíritos fortes! A verdade é esta, este era o sentimento geral que dominava todos os nossos compatriotas que enciam hontem o bello pavilhão português do Quai d'Orsay.

E a este sentimento natural e instintivo, junta-se ali também a satisfação d'uma grata surpresa. Porque o não havemos de dizer? Infelizmente não estamos habituados a ver o nosso paiz figurar muito brillantemente nas exposições internacionais. As nossas industrias não pôdem, em geral, competir com as industrias similares estrangeiras, e sobre essa inferioridade irremediável tem caído sempre, com o peso esmagador da sua chata sem

sabor, o mau gosto mais burguez e mais desarrumado com que a burocacia conselheiral, do ordinário organizadora das nossas exposições, dirige a decoração e disposição dos pavilhões e dos produtos. Ainda agora, na parte industrial propriamente dita na qual já está aberta há bastante tempo, e se acha estabelecida uns grandes galerias, n'aquelle sobre que paira o espírito accacial de Melicio, o conspicuo, o efeito é igualmente desolador e triste. E embora alguns dos productos sejam bons, embora os pannos crus, por exemplo, recebessem premio e merecessem o elogio dos tecnicos, o aspecto geral é profundamente reles, d'uma banalidade e d'uma elegância quasi affectivas. Um vestido de noiva, que deveria deslumbrar Caravaza d'Ançães, e um saco de viagem, verdadeira maravilha para Maçãs de D. Maria, destacam-se, como duas notas medonhamente symptomáticas e ferozmente agudas, no meio d'aquelle grande tristeza!...

Faziam ido, por isto, que é uma bon e fugueira descrição, da alegre e consoladora surpresa com que entramos todos hontem no pavilhão do quai d'Orsay, que tom constituido a admiração de nacionais e de estranhos, e que é realmente um primor de bom gosto e de talento artístico. Encontramos ali um dos principais organizadores da Exposição de 1889, homem de verdadeiro merecimento e de larga experiência n'esta ordem de assumptos, ele disse-nos que se houvesse um premio para a decoração e ornamentação dos pavilhões, esse prémio seria inequivocavelmente concedido a Raphael Bordallo Pinheiro. Não in isto uma amabilidade ou uma lisonja ao nosso amor proprio nacional. O pavilhão português do quai d'Orsay sobressai entre todas as instalações da exposição pelo aspecto pitoresco, pelo carácter artístico, e, principalmente, por um cuadro original, que o diferencia profundamente do luxo banal e um pouco reles das decorações feitas pelos armadores parisienses. Ali tem por exemplo, o pavilhão brasileiro que está tico e bem instalado, onde se encontram, sobretudo entre os productos naturais, verdadeiras preciosidades, mas o feitio do pavilhão é francês, a disposição, as babinellas, as vitrines, as prateleiras, tudo é monotono, symétrico, terrivelmente parecido com o de todos os outros pavilhões de todas as outras galerias.

No pavilhão português não é assim; vê-se ali, não só o carácter d'um povo, mas a individualidade d'um grande artista.

E' impossível descrever-lhes n'esta rápida carta mudicamente todos os promotores artísticos em que se revela o talento decorativo do artista que organizou a exposição portuguesa. Raphael Bordallo teve de lutar com os erros da primitiva construção do pavilhão, com a rotina burocrática que está no sangue português e que não poucos embarras lhe causou, e com a relativa escassez dos recursos pecuniários de que dispunha. Tudo venceu, contanto talento, e uma frescura, uma originalidade de inspiração artística, que fazem a maior honra e que nos enchem aqui, a todos os seus compatriotas, de legitimo orgulho. Ao princípio os operários franceses, que viam aquelle desconhecido a transformar tudo o que estava feito, e a dar ordens cujo alcance elles não comprehendiam, obedeciam-lhe de mau modo, e olhavam-n'o com desdém. Depois, o conjunto da obra artística, em que Bordallo converteu esta instalação, entrou a accentuar-se, e os franceses começaram a ver que estava ali um homem de talento. Agora não se faz ideia da admiração que Bordallo inspira a esta gente! O estoldor Allard, que arrematou a construção do pavilhão, e que se dispunha a arrematal-o com as suas babinellas da rua Lafayette, emburrô, é claro, com a vinda de Bordallo. Hoje é o seu maior admirador, e a todos diz que se o nosso grande artista quisesse vir fazer trabalhos decorativos para Paris, elle se comprometria a garantir-lhe, dentro de poucos annos, uma fortuna.

Deixem-me, antes de fechar esta carta, relembrar com uma íntima satisfação, a parte activa que o *Tempo* tomou na salutar campanha, que tirou o pavilhão agrícola e colonial de Portugal na exposição de Paris, das garras do melicismo indígena, e o entregou à direção d'um grande artista. As dezenas de portugueses, que n'este momento visitam o Campo de Marte, abençoam essa verdadeira obra patriótica, que lhes deu, no meio d'este grande espectáculo de civilização humana, uma consoladora compensação ás tristes impressões da nossa exposição industrial. Ainda não ouvimos uma voz discordante n'este côro de aplausos, e mui-

avait invité, au pavillon, tous leurs compatriotes résidant à Paris, les amis du Portugal et la presse à admirer le bon goût et l'exquise ornementation de leur exposition.

Un lundi était servi dans le hall, et on y a dégusté des crus hors de pair. Porto, Madère, Malvoisie, couraient à flots, tandis qu'un excellent orchestre faisait entendre l'air national portugais et la Marseillaise.

L'architecture du pavillon, bâti sur la berge même de la Seine, est des plus gracieuses et des plus riches. Mais le décorateur a encore surpassé l'architecte. Il a tiré des deux principaux produits du pays, le vin et la pêche, des motifs d'une riche originalité. Ce ne sont que tréfles, que grappes de raisin disposées de la manière la plus pittoresque, tandis que les galeries sont ornées de filets de poche garnis de poissões multicolores en faïence émaillée.

Le pavillon portugais sera l'un des grands attractions de l'Exposition.

L'Expo no Brasil, hebdomadaire que se publie em Paris, sob a direção do nosso distinto colega de Argollo Ferrão:

Trois réussis pavillons portugais du quai d'Orsay où les vins renommés de Porto et de Madère, de Collares et de Setúbal, de Muscatel et de Bucelas, rivalisent avec les collections des produits forestiers et des mines, des artéfacts appartenant à la riche collection de la Société de Géographie de Lisbonne, et les plus délicates faïences artistiques de la fabrique de Caldas da Rainha, fondée en 1884, par M. Bordallo Pinheiro, dans le but de faire renaitre la vieille céramique portugaise.

L'exposition des colonies portugaises, organisée par M. Luiz d'Andrade Corvo, conservateur du musée des colonies de Lisbonne, avec le concours de M. Lezameta, est aussi très complète et démontre les immenses ressources qu'a le Portugal dans ses possessions d'outre-mer.

Ce pavillon est l'œuvre de l'architecte français M. Hermant, qui a pleinement réussi à reproduire dans sa construction l'architecture portugaise du dix-huitième siècle; il occupe une surface de 500 mètres carrés et se compose d'un rez-de-chaussée, de deux étages, et d'une tour de 35 mètres de hauteur où flotte le drapeau bleu et blanc de Portugal.

L'inauguration du pavillon portugais a eu lieu le 10 courant. M. Carnot, président de la République, ayant été reçu en cette occasion par MM. le comte de Valbom, ministre plénipotentiaire de S. M. le Roi de Portugal, vicomte de Melo, président de la commission de Lisbonne; vicomte de Azevedo-Ferreira, et Gerardo Augusto Pery, membres du Comité portugais, qui a collaboré aux travaux du pavillon, et Mariano-Pina, notre distingué confrère de la Illustração, et secrétaire général du dit comité.

L'Expo na Gazette diplomatique :

Le pavillon de Portugal

Parmi les nombreux pavillons étrangers disséminés dans l'Exposition, il en est un qui attire particulièrement les regards des visiteurs par sa forme gracieuse, sa couleur crue, se détachant nettement de tout ce qui l'entoure. C'est le pavillon du Portugal, inaugure la semaine dernière par le Président de la République.

Le pavillon du Portugal est situé sur le bord de la Seine, près du pont de l'Alma. Il a été construit par un architecte français, M. Hermant.

La décoration intérieure, une merveille de goût, est l'œuvre d'un grand artiste portugais, M. Raphael Bordallo Pinheiro, qui dirige en Portugal la grande fabrique nationale de faïences de Caldas da Rainha, correspondant à notre manufacture de Sévres comme célébré. Du reste, le public peut se rendre compte de la variété et de la valeur des objets produits par cette manufacture, car M. Bordallo Pinheiro a su grouper ses plus jolis modèles dans une partie du pavillon du Portugal, et pour montrer toute partie décorative que l'on pouvait en tirer, il a disséminé à droite et à gauche des pièces détachées qui se marient agréablement à l'ensemble de l'exposition.

En visitant rapidement le pavillon, on remarque, en entrant par la porte de la berge, une salle où sont exposés les vins de Porto et les vins de Madère. Des mannequins grandeur nature représentent

les pittoresques costumes des paysans de ces deux villes.

A droite, une salle a été réservée à l'exposition des forêts.

A côté, les produits des mines, les collections des marbres et un ensemble curieux des produits de la manufacture nationale des faïences de Caldas da Rainha.

Montez au premier étage; là, c'est surtout l'exposition des colonies portugaises. On y remarque des collections des plus curieuses qui ont été préparées par les différents musées de Lisbonne et des colonies.

Au deuxième étage, car il y a un deuxième étage, est une exposition de produits alimentaires et d'objets divers qui n'en sont pas classés dans les grandes catégories.

Redescendons au rez-de-chaussée, ou plutôt regardons le rez-de-chaussée du premier étage, car on a démonté à hauteur de l'étage une galerie où sont dressées des étoiles multicolores et qui fait tout le tour du bâtiment. Le plafond de cette galerie est formé de treilles où coursent des pampres de vignes; on se croirait transporté dans le plus beau vignoble de Porto ou de Madère. Les murs sont recouverts de grands sujets décoratifs en faïence de meilleur effet.

Certes, M. Raphael Bordallo Pinheiro a eu une grande part pour l'organisation du pavillon du Portugal, la plus grande, pouvons-nous ajouter; mais il serait injuste de ne pas reconnaître qu'il a été puissamment aidé par les membres du comité d'organisation, qui se sont, eux aussi, donné beaucoup de mal.

À la tête de ce comité, se trouve M. le conseiller Mariano Cyrillo de Carvalho, ancien ministre des finances du Portugal. Le secrétaire du comité est un de nos plus aimables confrères, M. Mariano Pina, directeur de *Ilustração portugaise*. Les autres membres sont des personnalités dont les sympathies pour notre pays sont des plus chaudes et que nous remercions de la confiance qu'ils nous ont montrée en engageant leurs compatriotes à contribuer au succès de notre Exposition.

Fernando Laskyng,

Numa carta de Paris publicada no *Tempo* e assinada C. (Carlos Lobato Ávila) encontramos os seguintes parágrafos acerca da nossa exposição do quai d'Orsay, e dezenas de mediútre e trieste exposição industrial portuguesa, organizada no Campo de Marte pelo sr. de Melo, o tal Aristóteles double d'um jornalista⁽¹⁾ como assim se faz chamar no *Guide bleu do Figaro*:

Meus caros amigos :

Não são capazes de imaginar os que numerosos de Portugal, o prazer que se sente quando se encontra cá por força, no meio d'esta confusão, ao mesmo tempo estranha e deslumbradora, de civilizações e aspectos tão diversos, um bocadinho da pátria ausente. Não sei se isto é patriotismo, se é paixão, nem quer renovar, nestes modestas caustas, escrícias à la diânde, a polémica, ultimamente levantada no nosso parlamento, entre dois dos mais bellos talentos da nossa terra. Sou que é um sentimento sincero, irresistível, o que nos salta, e que me não envergonha de o confessar. Não é sem um certo enternecimento e um certo orgulho, que vemos, no meio das maravilhas do Campo de Marte, sobre um elegante pavilhão em que se revê a arquitectura original e característica dos nossos monumentos nacionais, fluctuar alegremente a bandeira das quinas — aquela famosa bandeira que a rhetorica indígena e os arraianos seriam nos fazem às vezes aí parecer quasi ridícula, e que aqui nos capta e nos commove, como o símbolo amado e ativo da Patria. Riam, se quiserem, os scepticos; trozem, se quiserem, os espíritos fôntes! A verdade é esta, este era o sentimento geral que dominava todos os nossos compatriotas que encheram hontem o bello pavilhão português do Quai d'Orsay.

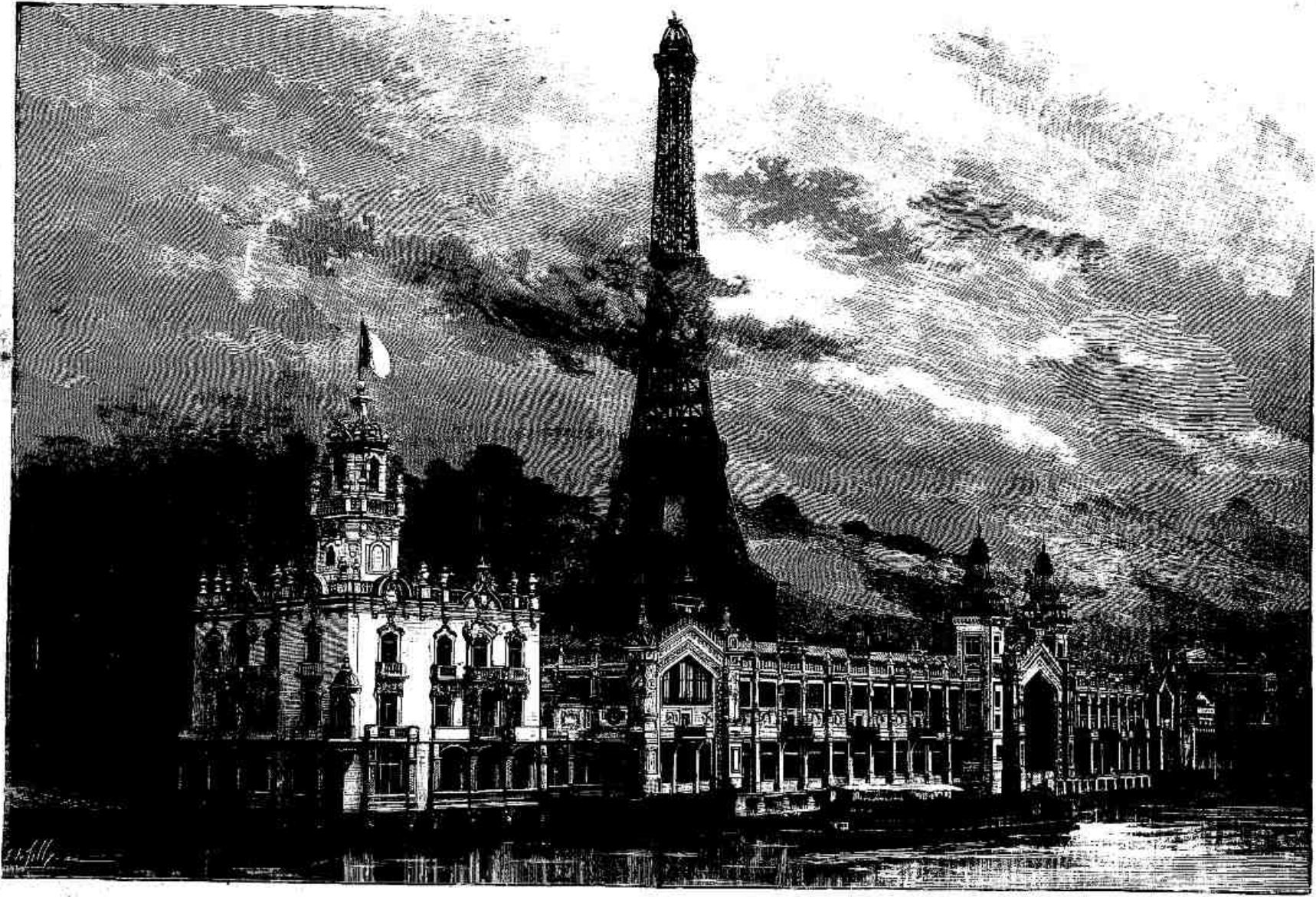
E a este sentimento natural e instintivo, junta-se ali também a satisfação d'uma grata surpresa, Porque o não havemos de dizer! Infelizmente não estamos habituados a ver o nosso país figurar muito brillantemente nas exposições internacionais. As nossas indústrias não podem, em geral, competir com as indústrias similares estrangeiras, e sobre essa inferioridade irremediável tem caído sempre, como peso estimagador da sua chatice sem

sabor, o mau gosto mais burguez e mais desastrado com que a burocracia conscheinil, de ordinário organizadora das nossas exposições, dirige a decoração e disposição dos pavilhões e dos produtos. Ainda agora, na parte industrial propriamente dita na que já está aberta há bastante tempo, e se acha estabelecida nas grandes galerias, n'aquelle sobre que pinta o espírito accacial de Melo, o conspicuo, o efecto é igualmente desolador e triste. E embora alguns dos produtos sejam bons, embora os painéis crôs, por exemplo, recebessem premio e merecessem o elogio dos técnicos, o aspecto geral é profundamente ruim, d'uma banalidade e d'uma elegância quasi affectivas. Um vestido de noiva, que devevin deslumbrar Carrazeda d'Ançães, e um saco de viagem, verdadeiro matrícula para Magia de D. Maria, destacam-se, como duas notas medonhamente symptomáticas o ferozmente agudas, no meio d'aquelle grande tristeza... Facam ideia, por isto, que é uma bon e fagueira descrição, da alegre e consoladora surpresa com que entramos todos hontem no pavilhão do quai d'Orsay, que tem constituido a admiração de nacionais e de estranhos, e que é realmente um prímer de bom gosto e de talento artístico. Encontramos ali juntamente uns dos principais organizadores da Exposição de 1888, homem de verdadeiro merecimento e de larga experiência n'esta ordem de assumtos, e ele disse-nos que se houvesse um premio para a decoração e ornamentação dos pavilhões, esse premio seria inegavelmente concedido a Raphael Bordallo Pinheiro. Não ia isto uma amabilidade ou uma lisonja ao nosso amor proprio nacional. O pavilhão português do quai d'Orsay sobressai entre todas as instalações da exposição pelo aspecto pitoresco, pelo carácter artístico, e, principalmente, por um cuadro original, que o diferencia profundamente do luxo banal e um pouco reles das decorações feitas pelos irmãos franceses. Ali tem exemplo, pavilhão brasileiro que esti: iox e bem instalado, onde se encontram, sobretudo entre os producções naturaes, verdadeiras preciosidades, mas o feito do pavilhão e franco, a disposição, as bambinellas, as vitrines, as prateleiras, tudo é monoton, simetrico, terrivelmente parecido com o de todos os outros pavilhões de todos as outras galerias.

No pavilhão português não é assim; vê-se ali, não só o carácter d'um povo, mas a individualidade d'uma grande artista.

E impossível descrever-lhes n'esta rápida carta miudamente todos os promenades artísticos em que se revella o talento decorativo do artista que organizou a exposição portuguesa. Raphael Bordallo teve de lutar com os erros da primitiva construção do pavilhão, com a rotina burocrática que está ne sangue português e que não poucos embarras lhe causou, e com a relativa escassez dos recursos pecuniários de que dispunha. Tudo venceu contanto talento, e uma frescura, uma originalidade de inspiração artística, que fazeem a maior honra e que nos encanta aqui, a todos os seus compatriotes, de legítimo orgulho. Ao princípio os operários franceses, que viam aquelle desconchedito a transtornar tudo o que estava feito, e a dar ordens cujo alcance elles não comprehendiam, obedeciam-lho de mau modo, e ollavam-nlo com desdém. Depois, o conjunto da obra artística, em que Bordallo converteu esta instalação, entrou a accentuar-se, e os franceses começaram a ver que estava ali um homem de talento. Agora não se faz ideia da admiração que Bordallo inspira a esta gente! O estofador Allard, que arrematou a construção do pavilhão, e que se dispunha a arrematá-lo com as suas bambinellas da rue Lafayette, embriou, é claro, com a vinda de Bordallo, Hoje é o seu maior admirador, e a todos diz que se o nosso grande artista quisesse vir fazer trabalhos decorativos para Paris, elle se comprometia a garantir-lhe, dentro de poucos annos, uma fortuna.

Deixem-me, antes de fechar esta carta, relembrar com uma íntima satisfação, a parte activa que o *Tempo* tomou na salutar campanha, que tirou o pavilhão agrícola e colonial de Portugal na exposição de Paris, das garras do mercifico indígena, e o entregou à direcção d'um grande artista. As dezenas de portugueses, que n'este momento visitam o Campo de Marte, abençoam essa verdadeira obra patriótica, que lhes deu, no meio d'este grande espetáculo de civilização humana, uma consoladora compensação ás tristes impressões da nossa exposição industrial. Ainda não ouvimos uma voz discordante n'este coto de aplausos, e mul-



Palacio português

PORTUGAL.

Palacio dos productos alimenticios.

PORUGAL EM PARIS. — O palacio portuguêz do Quai d'Orsay, visto do lado do Sena.



Luiz d'ANDRADE CORVO
Director do Museu colonial.



VISCONDE DE VILLAR d'ALLEN
(Delegação viúciola do Norte.)



CARLOS PINTO COELHO
(Real Associação d'Agricultura.)



R. BORDALO PINHEIRO
Director da Fábrica de Fajunhas
das Caldas da Rainha.



MARIANO C. DE CARVALHO
PRESIDENTE DO COMITÉ.



GERARDO AUGUSTO PERY
(Real Associação d'Agricultura
Tesoureiro do Comitê.)



J. GUILHERME MACIEIRA
Secretario da R. Associação d'Agricultura.



MARIANO PINA
Secretario do Comitê.



J. ANDRESEN JUNIOR
(Associação commercial do Porto.)

tos dos que aí defendem a rotina e a conselheiros sólidos dos mais exaltados nas censuras à nossa tripla exposição industrial e aos mais cativantes nos elogios ao nosso belo pavilhão. Mais vale tarde do que nunca! Até todos nos fizemos justos, e se há por aí ainda alguém que acrede no genio de Melício, pedimos-lhe a finura de vir a Paris desenganar-se!

Lê-se na Amérique; o jornal do nosso distinto colega São Anna Nery, jornal fundado em Paris para defender exclusivamente os interesses do Brasil:

Le Portugal à l'Exposition.

C'était été mercredi dernier au pavillon portugais du quai d'Orsay. A heures, le comité recevait un millier d'invités appartenant à la colonie portugaise et à la colonie brésilienne de Paris, ainsi qu'à la presse. L'auteur, M. Carnot, président de la République, avait honoré de sa présence, le pavillon du pont de l'Alma.

Le président du comité, le conseiller Mariano-Cyrillo de Carvalho, ancien ministre des Finances du royaume, était absent; il est parti pour Lisboa, d'où il doit revenir avec sa famille. Mais tous les autres membres du comité se trouvaient à leur poste: M. le lieutenant-colonel Gerardo A. Pery, o visconde d'Arevedo Ferreira, Bordallo-Pinheiro, Camille de Mores, Domingos d'Oliveira, J. G. Macieira, L. d'Andrade-Corvo, Mariano Pina, o visconde de Vilas-d'Allen, etc.

Le pavillon sans les annexes, occupe une surface de 500 mètres carrés. Il a été construit sur les plans de M. Hermant, architecte français, qui a cherché à reproduire quelques-unes des grandes lignes et de l'ornementation qui caractérisent l'architecture portugaise au XVIIIth siècle, alors que le gothique futeur de l'époque de Dom Emmanuel avait déjà cédu le pas aux floritures pompeuses des Jésuites. Il se compose d'un rez-de-chaussée, de deux étages et d'une tour de 35 mètres de haut, le tout avec une belle façade sur la Seine.

Tandis que l'entreprise du pavillon et de l'annexe a été confiée à M. Jules Allard, toute la décoration artistique de l'annexe, de même que la décoration et l'ornementation si soignées du pavillon, est due à M. Raphael Bordallo-Pinheiro, le grand artiste portugais qui s'est surpassé dans cette occasion.

Non seulement il a présidé à tout l'arrangement de la section, mais encore c'est de la fabrique de faïences, fondée par lui à Caldas da Rainha, que sont sortis les carreaux hispano-árabes du bar de dégustation, les tuiles vertes vernies qui couvrent les toits du bar et le centre du rez-de-chaussée, et les grandes pièces décoratives en faïences qui donnent à tout le pavillon un cachet si original.

Lê-se no jornal de Barcelona, Los Negocios:

Inauguration del pabellón de Portugal.

Debo seguir enumerando estas fiestas a medida que tienen lugar; varias se han producido en la quincena.

De todas ellas la más importante ha sido la del pabellón de Portugal, situado frente al Sena, con tres entradas, una de al pabellón de la Alimentación.

Esta obra arquitectónica que da una excelente idea del arte portugués del siglo pasado, ha sido ejecutada por el arquitecto francés señor Hermant. La vecindad del río parece dar mayor realce a los adornos elegantes de esta construcción enteramente blanca, en la que no se encuentra ninguna escultura de otro color.

Indudablemente Portugal podía haber presentado otro tipo tan personal como el que vemos en la Exposición de 1889; no lo faltan restos históricos de la arquitectura nacional en siglos pasados; y sin criticar esta obra, por el contrario, digna de elogios, me parecio que en sus riguezas arquitectónicas tan numerosas, podían haber elegido otro estilo. Esta es cuestión de gusto, y cada cual tiene el suyo; pero esta sola razón me permitió expresar mi sentimiento.

Desde que esta opinión no ha sido la de los organizadores de esta exposición portuguesa, deba la crítica limitarse a lo que vé, y como lo que vé es bueno, resulta que debe solicitar a la delegación de Portugal.

El pabellón ocupa una superficie de 500 metros cuadrados, se compone de un piso bajo, de dos pisos en alto y de una torre de 35 metros de altura.

Com anexo, tiene al costado del lado del Pabellón Internacional de la alimentación, una galería de dos pisos cubierta con un velum, bajo el cual corren las parras, dando a esta exposición un carácter campestre de lo más pintoresco.

Penetrando en el pabellón, por este lado, que respira alegría y prosperidad, porque si la decoración es alegre, los productos expuestos son numerosos y buenos, el visitante sale à una sala llena de vinos de Oporto, que comunican por uno de sus costados con la sala de los productos de los bosques, por otro costado con la exposición de madera, marmoles, etc., por otro, en fin, con la sala de vinos de Maderia.

En el primer piso del pabellón hallábase: la exposición de las Colonias, con sus curiosidades exóticas, que dan un color local á estas galerías; la exposición de la Sociedad de Geografía de Lisboa.

El último piso contiene la exposición de productos agrícolas coloniales, las conservas, aguas minerales y licores.

Por todas partes se encuentra la traza del gusto delicado y artístico del que ha dirigido el adorno interior de este pabellón, señor Bordallo Pinheiro. El artista y colega distinguido, nos ha presentado con profusión los artículos de la fábrica de Caldas da Rainha, fundada por él en 1884; azulejos góticos hispano-árabes, tejas verdes barnizadas, grandes y pequeñas piezas decorativas, cubren paredes y techos en disposiciones variadas que lejos de cansar, atraen siempre al visitante.

Indudablemente esta exposición es bastante importante bajo todos los puntos de vista, para merecer un estudio detenido, de modo que será el tema de un artículo especial, en el que trataré de presentar al lector todos los objetos de mayor interés que figuran en la exposición de Portugal.

Antes de terminar este artículo de presentación, debo señalar los nombres de los organizadores, señores Gerardo Augusto Pery, Mariano Pina, visconde de Villar d'Allen, Andressen Junior, Outreiro Ribeiro, Pedro Roberto da Silva, Rafael Bordallo Pinheiro, Luís d'Andrade Corvo, Lozametz, Carlos Pinto Cuello de Castro, José Guilherme Maciáira, Carlos Campo y Julio Palmeiro, presididos por el señor Consejero Mariano Cirilo de Carvalho, antiguo ministro de Hacienda del reino de Portugal.

L. ALBERTINI.

Como se vê pelo que deixamos transcripto, a opinião de todo a imprensa é que o nosso pavilhão está maravilhosamente instalado, graças ao talento de Bordallo-Pinheiro, e que as nossas secções agrícola e colonial são notabilíssimas, obtendo os aplausos do público, e merecendo os júris internacionais as mais elevadas recompensas.

E era isto justamente que o sr. Visconde de Melicio não queria que viesse a Paris: — nem fayancas das Caldas da Rainha, nem vinhos, nem artigos coloniais! Já se vê agora a razão desta temosia, deste crime de lesa-patria... E' que as fayancas, os vinhos e os artigos coloniais, deixavam na sombra toda a quincunilha e toda a patocada pseudo-industrial de que Melicio se fiz e apostolo, — para a volta de Paris se dar ares d'homen importante nas elevadas regiões da política e da burocracia portuguesa...

Pobre sr. Melicio!... *Quantum mutatus ab illa!*... Agora só latim é que lhe vai a caracter, — porque o latim é o que mais cheira a defunto...

IDEAL MODERNO

RESPOSTA AOS PESSIMISTAS

O rocha informe, o rocha inabalável, dura,
Nessa inconsciencia laerte, impiedada, obscure,
Onde entretanto existe a fuz, a existir a charma,
Que aspiras tu a ser, o rocha imovel;

— Lama.

Lama, dissolução, fermentação de todo,
Estarquilho, pôdre, estarquilho inudo
Onde a Vida repousa em embrião, em germe,
Que desejas tu ser, o lama intelecto?

— Vérme,
E tu, filho do lodo, alma do lodo imundo,
Para farrar seu corpo infame e nauseabundo;
Para que a putridão original te doxo,
O que aspiras a ser, o vérme ignobiliz;

— Peixe,

E tu, se vés do mar solitário, em que te banhas,
A verdura que alegra os prados e os montanhas,
Ao vés da terra o vasto o umbalsamado Alívio,
Que desejas tu ser monstro da mar?

— Reptil,

E tu, grilheta viva a contemplar de rastros,
Florais, vagalhões, ninfas, criaturas, astros,
O que desejas tu ser, meu amado identikit?

— A tua parte o vés e a mão para a conquista,

Quedronovo, — gorila, ourango, chimpanzé,
Quasi lobos no chão, quasi deuses de pô:
Amigas animais d'olhar doc e feror,
Anjos inui com ruiva, almas inui sem voz.
Dizei, que aspirações longíquas voz consumem:
Quem e o teu ideal, gorila hirsuto?

— E' o homem,

E tu, da Natureza à imortalidade glória,
Tu que em tantos milhares de séculos de história
Conseguiaste, n'um grande esforço triunfante,
Pô a prumo no globo a tua espinha dorsal,
Tu que nesse ascendente de vertebrais, que vai
Da morte no lodo a Moysés no Sinai,
Resumiste o marchar seu fim à criação,
Tu que foste Jesus, Budismo, Mahomet, Platão,
Tu, que encarnaste em mil heróes, em mil gigantes,
Eschilo, Shakespeare, Isolás, Corvíano, Socrates,
Sócrates, Galileu, Newton, Darwin, Laplace,
Tu, nome do pô, que encarsa face a face
A eternidade, tu, Prometheu resolute,

Que pesas na tua mão, onde mal caise um frêcio,
Quanto-muitos a arder Deus arrojou no espaço,
Tu que com teu olhar, teu curobro, teu braço,
Escrivias a luz, a terra, a água, o vento,
Tu, cujo misterioso é imortal pensamento,
Iniquino foge d'uma cavaña à rir,
Encore o universo desde o sonho no nadir,
Sabendo così o mesmo identikit rigor,
Como nasce um planeta ou germinar uma flor;
Tu, que depois de dar confim, aguisa cinzento,
Um balanço grandioso à Natureza Intera,
Estacasse assombrado e preplexo e contrito,
Contemplando o horroroso enigma da Inanção,
Dize, dize-me tu, ó débil criatura,
Em freno d'essa eterna imensidão obscura
Onça, aguia, o teu olhar é um curvo apagado,
Quo é que desejas, diz! Prometheu fulminado,
Quoi a tua ambição, teu ideal incerteável?

— E' ser no lodo inerto ou rochedo impassível!

GOMAR JUNQUEIRO.



A TRAVÉZ DE PARIS

Saudação ao Schah! — A invasão do exotismo. — Uma opinião ácera do idioma persa. — Um presidente irrepreensivel. — O monarca actual. — Ruidos inquietadores. — O jeito eu-faz-chismo parlansio. — Um patuaco. — O retrato de Boulanger por um procurador. — Conto se destros um adversario. — A Desnudada de Marimbe. — O Príncipe Sol.

Z ING bum bum! Eis o Schah! Eu te saúdo, ó tu, que alguns mil annos depois de Agamenon tens o topete de te intitular — Rei dos Reis! Em seguida ao que, permite-me que te diga, que se conta com um efeito de pasmacreira, te mettes o dedo pelo olho até o cotovelo. Estás visto, Schah! E's um exótico a mais n'esta grande feira cosmopolita e, como pitoresco, prefiro-te mil vezes o pretulão Salifou, que se diz tão coroso como tu, e que há dias, na grande revista, arranjava na sua tribuna de Longchamps uma dentuça de gorila capaz de pôr em debandada todo o partido republicano do seu paiz...

Ooh! o exotismo! Obsessão sinistral! O que esta exposição atrahiu a Paris de angulos facetas estranhas, de peles de aqüarão, de olhos obliquos, de proguinhismos desmesurados, de suíças azuladas à força de pretas, e de petílhos flamejantes onde se arregala o olho em braços dos cachuchos!... Caracas já não está em Caracas; e o todo Bogota apinha-se em volta da Torre

Eiffel. Estamos mongolizados até à medula dos ossos! De todo a parte surgem raças imprevistas; e Ásia invade-nos, Java pelleira-nos, de cada porta irrompe um pâcquin, a cada esquina brota um Canário, a ponto de tudo isto nos parecer naturalíssimo — de eu me sentir preparado para encontrar um Galib; no minuto como sem experimentar a mais leve surpresa!

E esse polyglottismo indissociável que borboletaria nos ars! O Cardenal Mezzofanti daria as suas trinta e seis linguas aos cães — para me exprimir como a boa senhora de Sevigné — se quisesse perceber o que se vocifera em qualquer botequim do Campo de Marte, ou na platea de honra do Grand Hotel. E eu mesmo, que me estou dasilo ars de haver nascido entre a Magdalena e a praça da Ópera, não contribuo por acaso com a minha nota transpyroniana para esse charvari babilônico que por aqui retumba? Semão, que o diabo a bestreitura de touca de renda este cabaz enfiado no braço que há dias me ouviu falar no idioma que Gesor do Ingo regouga, e a quem uma vizinha preguntava attonita:

— Que língua está elle a falar?
— A parla savage! retrucou cila.

Quem atravess d'este labirinto de raças e de linguagens circula com o mais impassível desembaraço, é S. Exa. o Presidente Carnot.

O illustre chefe do Estado impõe-se a tarefa kilometrica e presidencial de percorrer a Exposição em todos os sentidos, e de a visitar em todos os seus nichos e cantos obscuros. Sobrecascado de preto, engravando de setim, coifado de alta forma [perolas, ou Bernartins], elle vae de galeria em galeria, inexoravelmente, como o destino em pessoa, e de barba dada. Elle tem para tudo o olhar que deus ter. Ele a todos diz o que cumpre e convém dizer. A correção ella própria parece despontado ao pé da sua rabi dirigida perpendicular e britantina. A geometria preside aos movimentos do seu ante braço, as leis da mecanica retardum ou accelerum o seu andar magistral. Juntese a isto uma engomada loira de primeira ordem, e digam-nos se se pode imaginar um presidente mais completo. Meu Deus, como elle é compluta!

E talvez mesmo completo de mrs., Eu, se fosse franz e republicano, desejaria um presidente um pouco mais desgrenhudo. Esu coisa de ser impossivel apanhado em falta, nos seus desveros officios, bem como no luxo da sua camisa, acaba por aguçar os nervos. Desejar-se-há vel-o troçar, gagajar, espirrar, servicista d'um d'esses pequeninos occidentes que desapareceram um dia, e alegram a rugez d'uma vertical. Mas querem acreditar que elle nem sequor transpira? Ha dia no pavilhão do Equador [deixaria a mal!] por um meio-dia torrido, 30° à sombra, estava seco como um areque. Em rodó a comitiva derretiu-se. E' um homem de primeira categoria e que ha de ir longe, se as circunstancias o favorecerem.

Favoravel o han as circunstancias? E' o que saberemos daqui a dois meses, quando a maestria eleitoral tiver revelado o seu segredo.

Mais uma vez a França se prepara a decidir dos seus destinos. Ningum tal diria, não é verdade? Se não fosse essa feroz batalla dos jornais, debate crocante de corvos e milhares, quem adivinharia que este país vai em breve atravessar uma crise decisiva que o pode redimir ou aniquilar para sempre? Nada consegue perturbar a alegria invencivel d'este povo original. Os seus cuidados, os seus recuos, servem-lhe para se lhes sentar em cima. Ao longo, além da frontaria, o srx. de Bismarck e o instarnyel sangu Crispi, furiosos com o éxito da Exposição, não fazem outra coisa ha dois meses semão agitar a lata com que [[]ls fabricam as suas trovoadas diplomáticas, e sacudir todo o seu stock de chiflotes velhos e couraças enferrojadas, a fim de produzirem aquillo a que nos círculos bem informados se dão o nome de russos inquietadores,

A Boisa, essa Ingenua, acocora-se de susto imediatamente; mas Paris, desconfiado e sceptico, nem sequor de pelo charvari infernal a que se entregam os dois massadores-mères da política internacional. Outrem-nos para essas 200 ou 300 mil physionomias que se reúnem nos domingos no campo de Marte. Em quantas se lhe a preocupação a incerteza do formidável! Amanhã que se prepara? A não ser na de M. Prud'homme que, sempre circunspecto, continua a opinar que se está dançando sobre um vulcão, eu não leio em todas elas semão a preocupação de acabar o dia n'uma nova insensata, e de recomendar no dia seguinte.

Julgum que o bravo general não faz o mesmo pelo seu lado? E' preciso não conhecer essa interessante palavrão, para hesitarm momento na resposta. Um amigo meu chegado de Londres viu-a à escuras, e diz-me que era de se tirar o chapéu. O que lhe custava a comprehender é como elle tinha tempo e..., energiça para escrever proclamações. E' provado que o ajude n'esse trabalho a belha possuidora tanto de trigoas que o acompanhou todas as manhãs a Hyde Park. Que austero régimen para a França se está praticando! n'aquele Jardim forrado d'azul, plaxado por dois steppes de mil luvas! Mas não é tudo proletari! no statu quo, a essa horrivel carnicaria de reputações e de caracteres, a este ignobil fusilar de injuriás e de afrotos? E' não devem todos os que amam esse bello e altoïo paiz desejá que elle se levante do tremedal onde chafurda, retomando o logar que lhe compete no mundo — ou que definitivamente desapareça, no turbulento da pracaça, resgatando por uma heróica morte os seus erros e os seus desvários?

Ponto de viso romântico e atraçoso nas modas! Eis de certo o que exclamam os struggle-for-freedom do meu paiz. E' d'ali talvez estes ilustres jounisseurs tenham razão. A vida é a hora presente; ora está provado que a hora presente é divertidissima. Divirtamo-nos, como os diabos! E depois de nós, o diluvio!

Uma das coisas alegres do momento, é, por exemplo, o retrato do general Boulanger feito por esse procurador singelín que Paulo de Gaspari se obteiu em designar pela lettra Q... O referido procurador recomenda no seu libello a todos os rafeiros de polícia que se apoderem do individuo que responder aos signos que elle enumera. Ora nadu mais comodo do que esses signos. O sr. de Beurepaire não se contenta com denegir o seu inimigo na opinião dos homens, quer destrui-lo no combate das bellas. A popularidade que o general adquiriu na grey feminina do paiz — eis o que, segundo o governo e a jurisprudencia, convém minar quanto ancas. Saia a loura barba e nos termos óbrios cor do oceano! O' donzellos que, na província, suspiram pelo advento do vosso formoso heroe, saiba como elle é feito, segundo o photographo Beurepaire!

A fronte, essa fronte que vos encanta de loiros antipáticos — é larga e enrugada [sic]; os cabellos são grisalhos e corrados, rente; não podem os pols mergulhar n'elles as vossas mãos curiosas. A barba, aquella lendária barba, que valia um exercito, e cujo simples aspecto enlouquecia as turbas — é uma relas barba torrou-riva, com galinhas nos lados, e apadrin em bico; os olhos que vertem o amor nas almas, são enternecidos nos óbitos [sic e re-sic]. Como signos particulares, esse procurador implacável, indigiu-vos um formidável pé de galinha, escarrapachado as suas bifurcações sinistras sobre as fontes do heroe; esse pé de galinha, acrescenta elle, cruelmente, é muito pronunciado. E em seguida n'um crescendo de furor, elle vos aponta rugas profundas na faces, pescoco, atarracado, andar pesado, cabeca pendente sobre o horizonte — [sic, re-sic, in-sic]. Em menos de 20 linhas, Boulanger, o brillante cavaleiro das lithographies d'Ipini, e das can-

ções de Paolin, transfigurou-se n'uma espécie de ridículo vegetal, tão incapaz de carregam sobre um quadro prussiano, como de levantar asas a coroa d'uma rebelle. Tais são os pintors principais do requisitório do srx. de Beau-repaire. Por estes se pode ajuizar dos outros.

A quinzena foi escassa em novidades literarias. Não vale a pena fallar semão d'um original curioso volume, intitulado *As Cartas da Desconhecida*, editado pelo livrario Ollendorff.

Todos nós nos recordamos di sensação que produziu ali por volta de 1878 o apparecimento das *Cartas a uma Desconhecida* de Merimee. Essa desconhecidha existiu realmente? Ou foi apenas uma correspondente ideal, imaginaria, a quem o author de *Clara Gayet* confiou as penas, os despeitos, as ironias que lhe mordiam o coração? Eis o que nome se soube até hoje. E mesmo agora, depois do livro recente que parece atestar a existencia da mysteriosa amiga de Merimee, quem podera affirmar a authenticidade d'esses documentos literarios, tão originais na forma, tão profundas por vezes no pensamento? O mysterio continua portanto mais impenetrável do que nunca, imprime um interesse picante ao volume cuja leitura eu recomendo a todos os *goumards* de lettras, cujo numero, merel de Deus, cresce de dia para dia em Portugal. A um amigo meu, passou entendido no assumpto, ouvi eu afirmar ha dias que ja passam deduziu e meia.

Reserves o *Principezzi* para o hidachronica, mas não acreditem muito no bom que eu lhes dissest c'è-n' peça, flammeante como o seu titulo. Dou-me desde já por suspeito, porque morreu por magicas, e sobreentulhadas empilhadas. E' fétio meu, não fallemos mais disto. Em vendo um alçapão abrir-se dando subita a uma fada ou a um macaco, um canapé transformarse n'uma galinha ou num palanquim, um grotesco tyran convertirse subitamente n'um jumento orelhudo, sinto-me desfazer de jubilo. Se eu lhes dissest pois que a nova magia do *Chatellet* é superior ao *Macketh*, como obra literaria, não me acreditem, peço-lhes; mas não levem agora a desconfiança a ponto de recusarem admittir que elle seja do primeiro ao ultimo dos seus mil e um quadros um prodigo de luxo e de bom gosto, em scenario, decorações, vestuarios e todos os detalhes d'uma gigantesca machine como ella é. Enquanto se entrelaçam uma nova Volta ao mundo em muito mais de 80 dias, e por um caminho diferente. Imaginem que si se passa por Lisboa, o que nos permite contemplar um tipo de regedor português absolutamente inedito, mas não muito mais grotesco do que seria um specimen authentico transportado para a scena.

Como de Lisboa se salta ao mar das Indias, ao Japão, e ao planeta sol — isto é que eu me não encarrego de lhes contar. Vão ver, é bem mais simples. Para lhes descrever as deslumbramentos, seria necessário deitar o arco-iris no meu tinteiro.

Queiram por favor me aos riscos d'esta operação!

GIESS.

AS NOSSAS GRAVURAS

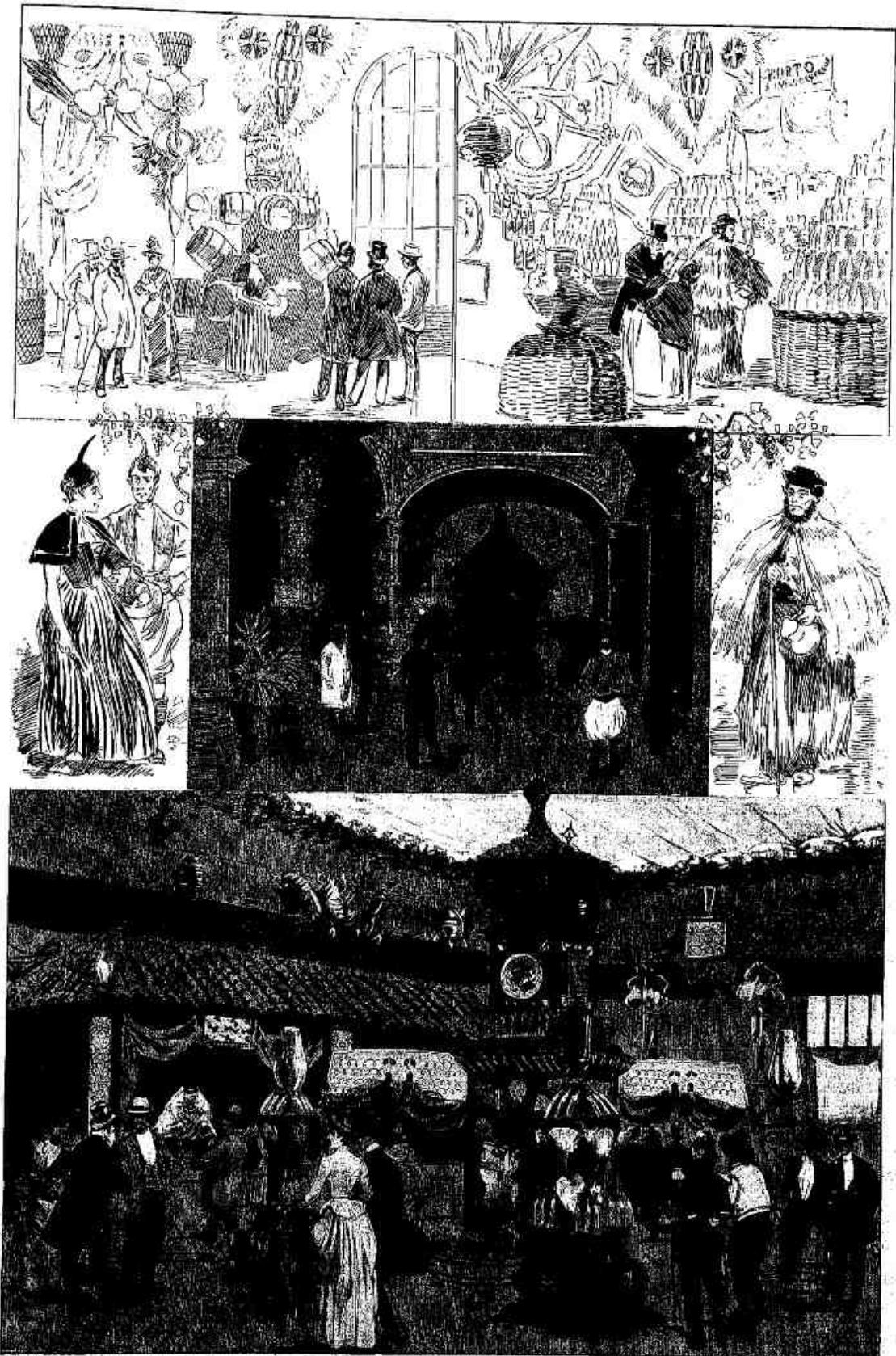
O SCHAH DA PÉRSIA.

Mais acima já o nosso brilhante e endiabrado collaborador Giess se refere á visita do famoso Schah da Persia, S. M. Nasser-El-Din, — esse famoso typo de rei de magica, carregado de ouro e pedras preciosas, e que vem do Oriente a Paris para ser o padellado de todas as coxetas que fazem quotidianamente a Avenida das Acacias, em busca de principes russos ou de milheiros negociantes de carne ensanguinada, ou de borrracha.

A primeira viagem do Schah da Persia à Europa teve lugar em 1873. Nesse anno quem o recebeu



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS DOMINGOS NO CAMPUS MARTII.



1. Os vinhos do Madeira. — 2. Os vinhos de Porto. — 3. Exposição da Associação Commercial do Porto. — 4. O Rio de Arganil (provas de vinhos).

PORtugal EM PAÍSES. — Aspecto das salas de negócios do Paço acor Portugal.

solemnemente em Paris foi o marechal de Mac-Mahon, então presidente da República.

A Pérsia moderna, ou Iran, que vio do mar Caspão ao golfo Persico, conta cerca de 8 milhões d'habitantes. O sultão vive na capital, em Teheran, rodeado de 365 favoritos — 360 nos annos bissexto... dizem as más linguas...

O REI DA GRECIA EM PARIS

No dia 2 de julho fendo chegou a Paris, vindos de Aix-les-Bains onde tinha ido tomar as águas, S. M. Jorge I, rei da Grécia, — expressamente para visitar a Exposição Universal.

Disse-se a princípio que o rei da Grécia vinha a Paris no mais rigoroso *incognito*. Isto queria dizer que S. M. o rei dos Hellenes não desejaria de modo algum aproximar-se d'um Presidente da República, guardando assim para com a forma republicana d'este paiz a mesma reserva e o mesmo desdén que afejam em particular outros monarcas da Europa.

Felizmente que o *incognito* não foi tão rigoroso como o *affirmavam* os intímigos da República, — o rei da Grécia aceitou no dia 23 de julho o banquete que lhe foi oferecido no palacio de Elysee, pelo Sr. Carnot, presidente da República francesa, banquete com carácter oficial, a que assistiu todo o ministerio francês.

O nosso retrato representa o rei Jorge no costume de general em chefe do exercito grego.

O rei da Grécia, Jorge I, nasceu no dia 24 de dezembro de 1845, E' o terceiro filho do rei Christiano IX, da Dinamarca. Foi em Copenhague que a coroa da Grécia lhe foi oferecida, por uma delegação da Assembleia nacional. Depois de ter aceite, prestou juramento de fidelidade à Constituição no dia 28 de setembro de 1864, constituição que havia sido elaborada n'aquelle mesmo anno.

Casou no dia 15 d'outubro de 1867, com a princesa Olga da Russia, filha do grão-duque Constantino-Nicolaiévitch. D'este casamento houve seis filhos.

O rei Jorge instalou-se em Paris no Hotel Bristol, da Praça Vendôme, o mesmo hotel onde estiveram ultimamente S. M. a Sra. D. Maria Pia de Saboia, e S.S. AA. RR. o Príncipe D. Carlos de Bragança e Infante D. Alfonso, duque do Porto.

A ESTATUA DA LIBERDADE VISTA DO SENA

No dia 4 de julho inaugurou-se em Paris, na ponta da ilha dos Cygnes, sobre o rio Sena, a redução da estatua da Liberdade iluminando o mundo que se viu à entrada da baixa de Nova-York, — redução que foi oferecida pela colónia americana à cidade de Paris.

Este dia 4 de julho de 1889, celebrava também o 115º aniversario do dia em que as treze colónias inglesas da America do Norte se declararam independentes.

A estatua da Liberdade é a redução exacta da estatua colossal do sr. Bartholdi. A sua altura é de 1140 cent., desde os pés até à extremidade do facho que a Liberdade segura na mão direita. O seu peso é de 11000 kilogrammas.

A estatua custou 1100000 reis. E a installação custou 200000 reis.

O Presidente da Republica presidiu à cerimónia d'inauguração, tendo a sua direita sr. Whithewell-Reid, ministro dos Estados Unidos em Paris, e à sua esquerda o sr. Speller, ministro dos estrangeiros de França.

A noite houve brilhantes iluminações, não só na ilha dos Cygnes e em todo o Sena, mas também no recinto da Exposição no Campo de Marte.

O nosso desenho é tirado do Sena, do lado d'Auteuil. Vê-se à direita a elegante silhueta da torre Eiffel, e à esquerda, junto da ponte de Grenelle a estatua da Liberdade, e mais ao fundo o palacio do Trocadero.

E' um curioso aspecto do Sena, o que a nossa gravura reproduz, e para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores.

OS DRAMAS DAS MINAS — A CATASTROPE DE SAINT-ETIENNE.

No dia 3 de julho fendo uma horrível explosão de gás declarava-se no poço de Verpilloux, da região mineira de Saint-Étienne, matando cerca de trezentos mineiros!...

Imediatamente a notícia espalhou-se em Paris, deixando a população estupida de terror, e o telegrapho anunciaria a horrível catastrophe a todos os jornaes de Europa.

E' que os dramas das minas são medonhos; e de cada vez que uma inundação ou uma explosão de

grises venha deixar na miseria tanta mulher e tanta crianga, tendo dado a morte a centenas de pobres mineiros — parece que um acoro d'indignação uniu as sociedades, para perguntarem aos governos quando é que elles pensariam por si em sorte d'esses desgraçados, na sorte d'esses escravos modernos, que para procurarem o miserável não para si e para os seus, tem de descer ao inferno, trabalhando constantemente em face do espectro da morte...

O poço de Verpilloux pertence à companhia francesa das hulhas de Saint-Étienne. Tem 480 metros de profundidade.

Trezentos operários haviam descido pela manhã ao fundo do poço. Pouco depois declarava-se a explosão de gás, — e poucos foram os que puderam escapar a tão horrívolo fim!...

Apenas se teve conhecimento da medonha catastrofe, as proximidades do poço foram invadidas por uma multidão enorme que tornava quasi impossível o serviço d'ordem e de socorros.

Eravam mulheres solitárias, creanças soltando gritos despedaçadores, e interrogando com o olhar o abysmo fumejante onde ardiam os maridos, os pais, os irmãos...

Era um espetáculo desolador.

Os desmonecamentos consideráveis produzidos pela explosão, impediram a entrada nas galerias subterrâneas. O fogo tinha atingido as próprias cavalariças dos primeiros pavimentos, onde morreram queimados sessenta cavaleiros! Foi pois materialmente impossível prestar o mais leve socorro aos desgraçados mineiros do poço de Verpilloux.

Ainda se procurou organizar socorros descendendo, por um poço vizinho, pelo poço de Saint-Louis. Mas os operários que haviam descido por este orifício tiveram logo de voltar. As águas tinham invadido as galerias. Era pois necessário começar pelos trabalhos de esgotar, antes de continuar a exploração das galerias.

O capitão Corderier, representante do Presidente da República Francesa; o sr. Constant, ministro do interior; o sr. Yves Guyot, ministro das obras públicas, logo se dirigiram ao local do sinistro, para ordenar os socorros, e levar presentes de dinheiro às famílias das vítimas.

Os representantes do governo francês foram ao hospital de Saint-Étienne visitar os feridos que se puderam salvar.

Estes infelizes estavam num estado horríssimo. Os rostos estavam completamente calcinados, e os corpos eram imensas chagas. Em seguida os ministros presentes desceram ao poço de São-Luis, a uma profundidade de 350 metros, para verificarem se os socorros haviam sido bem dirigidos, e se as outras galerias estavam garantidas contra o incêndio que continuava lavrando. Numa das galerias por onde passaram os ministros ainda jaziam por terra mais de cem cadáveres.

O nosso desenhador que também desceu à mina, e que era encarregado de tirar croquis para o *Mondial* e para a nossa Ilustração, conta que a impressão que recebeu é das mais horríveis e das mais dolorosas.

Os nossos dois desenhos da terrível catastrophe de Saint-Étienne são portanto a reprodução das medonhas cenas que representam.

Custa-nos deveras ter de esculpir as páginas da nossa ILUSTRAÇÃO com semelhante desolador espetáculo, — principalmente n'este momento em que atravessamos um período alegre e descuidado com a série das nossas gravuras acerca da Exposição de Paris.

Mas esta catastrophe causou tremenda sensação não só em França, mas em toda a Europa, que não podemos deixar de publicar esses terríveis desenhos.

Possa o espetáculo de tamanha desgraça fazer com que os governos dêem um momento de atenção aos perigos a que todos os dias anda exposto esse desgraçado e esse escravo, que se chama — o mineiro!...

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS OS DOMINGOS NO CAMPO DE MARTE

Todos os domingos as entradas no recinto da Exposição variam geralmente entre 200 e 300 mil, — isto é, entra mais gente no Campo de Marte, do que gente circula nas ruas de Lisboa!

O público dos domingos e dos dias santos é um público composto na sua maioria de operários, de pequenos empregados públicos e de gente dos campos que rodiciam a grande capital.

Como todo este público, que não dispõe de grandes recursos monetários, ruge pelas jornaes que os restauranteiros de dentro da Exposição, são todos caríssimos para os limitados recursos da sua alheirinha, este curioso público traz de fôra todas as provisões necessárias para um levejento sur l'herbe. E quando o carbau da torre Eiffel dá o sinal das seis horas, e as galerias das ilustrações diversas se fecham, — formam-se os grupos: uns sentam-se nos bancos dos passeios, outros sentam-se nos tabuleiros de relva, outros sentam-se em torno d'uma pedra, ou d'um caixote, e começam os alegres jantares no ar livre, no som do tilintar dos copos, dos gritos e das risadas das creanças, e das bandas militares que no longe entoam hymnos patrióticos.

Eis o assumpto que atraiu uns dos nossos mais brillantes colaboradores, — assumpto que transportado para a gravura constitui a melhor lição que se pode dar aos povos tristes, do modo como o parisense se diverte e distrai da existência.

Todos os estrangeiros invejam a felicidade dos parisenses, o seu bom humor, e a vida alegre que elles passam, ao lado da tristeza dos outros povos carregados de philosophia ou carregados de estupidez.

Ora o segredo da felicidade dos parisenses está em muito pouco. O parisense só pensa e só trata de si e dos seus. O parisense entende que o melhor meio de dar felicidade e alegria ao mundo, é cada qual por si procurar ser feliz e ser alegre.

Levante os milhares de estrangeiros que invadem o Campo de Marte, um londrino, um lisboeta, ou um madrileno, difficilmente teria a coragem de se instalar no ar livre com a mulher e os filhos, devorando um jantar que visto embrulhado em jornaes, dentro d'uma cesta de compras. Um extrangeiro que passasse para os contemplar em toda a sua francesa, em toda a plenitude do feroz apetite — vexava-os, envergonhava-os, cortava-lhes a fome.

— En veulez-vous?...

E aqui está como o parisense é feliz, — e como só deveras pitorescos os domingos no Campo de Marte, quando esta multidão passa a jantar ao ar livre, para não cair nas gurras dos restaurantes.... Até os restaurantes da Exposição! Que horrívlos preços!... Chega-se a pensar com tristeza que tolvez um dia seja preciso cada individuo ter a fortuna do sr. Marquez da Foz — para ter o direito de comer um coiteleto com batatas!...

AUDIÇÃO DE MUSICAIS PITTORESCAS

Uma curiosa sessão musical fazendo parte dos mil e um pontos do programa d'esta assombrosa Exposição de Paris — Exposição para todos os gostos, e Exposição para toda a classe d'estudos — teve lugar no dia 4 de julho na sala das festas do Trocadero.

Tratava-se d'um concurso internacional, e d'uma audição de musicas pittorescas, reunindo os mais extravagantes instrumentos das províncias de França e dos países estrangeiros.

Os bretons de Finisterre fizeram-se aplaudir pelas melodias caracteristicas do país d'Armor. Os savoyardos e os asturianos d'Arles encantaram-nos com as suas musicas nacionais.

E outros estrangeiros também não alcançaram menor sucesso: os russos com a *balaika* e a *cithara*; os lautes românicos, com a *cobza* e a *frauta* do Deus Pan, de que tiram efeitos extraordinários; os húngaros com o *zymbalum*; os espanhóis e os italianos com as guitarras e bandolins.

Só não vimos nenhuma guitarra portuguesa suspirando um amoroso fadinho, — uma destas guitarras e um destes fadinhos que altas horas se ouvem nas ruas de Lisboa, que tão agradável surpresa causam ao viajante que acorda em sobresalto, ou ao português que por muitos annos esteve longe da patria.

Uma senhora das Açores mandara-se inscrever, para fazer ouvir um instrumento particular das ilhas, — supomos que uma variante do bandolim. Mas ignoramos a razão da sua não comparecência.

O nosso desenhador surpreendeu com bastante felicidade os tipos principais dos artistas que toparam parte n'este original concerto.

E são os seus croquis o que constitue a gravura que oferecemos aos nossos leitores.

BIBLIOGRAPHIA

A REVISTA DE PORTUGAL.

NÃO queremos deixar passar este número da *ILLUSTRAÇÃO*, sem saudar o apparecimento do 1.º volume mensal da *Revista à frente da qual se acha o nosso illustre collaborador Eça de Queiroz, e que é editada pela casa L. Lugar e Genelouix do Porto.*

O n.º 1 da *Revista de Portugal* que temos presente traz a data do dia 1.º de julho findo, 1º um volume de 180 páginas, superficialmente impresso, tendo todo o aspecto das grandes revistas francesas, como a *Iterue des Deux-Mondes*, a *Novelle Revue*, ou a *Revue de Famille* da que é director Jules Simon.

Neste 1.º volume encontramos um estudo sobre a literatura portuguesa contemporânea assignado pelo sr. Moniz Barreto; um estudo histórico sobre *Os Filhos de D. João I*, firmado pelo illustre historiador Oliveira Martins; uma poesia *Ideal Moderno* de Guerra Junqueiro, que pedimos licença à *Revista* para transcrever no presente número da *ILLUSTRAÇÃO*; um conto *O cais do Fidalgo d'Almeida*; um estudo do Conde de Sabugosa sobre os *Toiradas em Portugal*; e uma *Chronica política* assignada P. do Oliveira, e onde se reconhece a poderosa individualidade do sr. Oliveira Martins.

Eis o que constitui o 1.º numero da *Revista de Portugal*, — numero superiormente colaborado, mas onde desejarmos também encontrar o nome de Eça de Queiroz assignando algumas páginas de literatura ou de crítica.

Falta-nos o espaço para darmos uma ideia aos nossos leitores de cada um dos trabalhos que acabamos de enumerar. Mas todos os colaboradores d'este primeiro numero da *Revista de Portugal* são largamente conhecidos do público, e apontar os seus nomes julgamos ser o bastante para que a *Revista* encontre da parte dos nossos leitores a sympathia o acolhimento de que ella é digna.

E' necessário que o público português dê o maior appoio à *Revista* de Eça de Queiroz. E' necessário que a *Revista* seja em Portugal o arquivo dos grandes trabalhos literários, históricos, críticos e filosóficos da nossa geração, trabalhos que não podem encontrar cabimento nas columnas dos jornais, e que tem esperado até hoje por uma *Revista* para tomarem o incremento e o desenvolvimento de que tanto necessitam.

Entre nós, por falta d'uma *Revista*, bellos talentos tem ido naufragar nos folhetins, nos artigos de fundo e nos noticiários. Hoje que a *Revista de Portugal* apparece, para chamar a si todos os ta-

lentos da nossa terra, é preciso que o público letitado não desampare a tentativa, para que Portugal não seja o único país da Europa onde não ha uma brochura periódica, onde se veja do que nós somos capazes no domínio da phantasia e da critica.

Neste empreendimento da *Revista de Portugal* é necessário não regatear encargos aos editores. Os srs. Lugar e Genelouix, sucessores de Chardon, não hesitaram diante de quasequer sacrificio para secundar a ideia de Eça de Queiroz — os escritores portugueses devem-lhes largo reconhecimento por este facto, attendendo a quo n'esta quadra de mercantilismo litterário que atraímos, não é fácil encontrar quem arrisque caprichos em edições que se dirigem unicamente a um público muito ilustrado, e por consequencia bastante diminuto.

TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO

Adoçante, Suavizante, Invólucro
PREPARADO POR VIOLET
28, Boul^e des Italiens, PARIS

A UM SUICIDA

Tu, sim, tiveste a tragica coragem
de lances-te ao Nada heróicamente!
Não te agarreste às bordas da vorágem,
fraco e tremente...

Viste que não ha nada n'esta vida,
onde não brote a sensação de Dor
e que a nossa existencia vai perdida,
fragil embarcação sempre balada
n'un mar cheio de horror.

Viste, e tiveste a nobre heroicidade
de romper o legado do atavismo:
tiveste a crença d'esta nossa idade,
— mergulharte no abysmo!

Dizes que é covardia... E, no entretanto,
tremem junto do lugubre cairol...
Dizes que é covardia... E o medo é tanto
que — só para viver — negam o pranto,
negam a dor cruel...

Eu quizeria lhes dar o calafrio
que me sacode os nervos doloridos
que me agita a medula e que, sombrin,
me entorpece os sentidos,
quando eu penso no fim d'esta existencia;
na Morte: a tétrica: a feral visão!
e sei que ha de extinguir-se a Consciencia
e as Fôrmas rolarão na turbulencia,
do eterno turbilhão!

*De que serve lutar? ser justiciero?
ser virtuoso e nobre e corajoso?
se a todos traga o abysmo derradeiro
do Nada pavoroso...*

*O teu corpo amanhã sera rebento
de tyro branco, virginat, gentil;
serás pasto de escúpido jumento,
e sentirás da vida o movimento
univamente febril...*

*e revolverão e volverão dispersos
teus díomos de novo em novas fôrmas,
em corpos mil, em turbilhões diversos,
da Vida sob as normas!*

*E, no entanto, que é da tua bella
intelligencia indomita e viraz?
O que te resta? o que te resta d'ella,
quando a Consciencia tua já não vela
teus restos immortais?*

*Tens o sér e o não sér amalgamados...
Honitem luctavas — corpo e alma — unidos
restam sômente, despresados,
restos perdidos...*

X

*Eis a nerove estranha que me irrita:
este medo da Morte... este terror...*

*Pensar que á seiva que minh'alma agita
ha de tragar enfim — ninguem o evita
do Inconsciente o negror!*

*E não me apago aos ídolos que mentem...
E não procuro as illusões brilhantes...
Meus olhos, sempre abertos, vêm, sentem,
estas sombras hiantes!*

Por isto eu te saudo... A ti, que a Morte

ousaste sem receio procurar!

Vencendo o medo que me deu a Sorte

*eu — covarde — quizera, ousado e forte,
teu arrojo imitar!*

MEDEIROS E ALBUQUERQUE,

PARIS

30, Rue Montrolon, 39

GRAND HOTEL DU BRESIL ET DE PORTUGAL

No centro de Paris, perto de Opera, das principais estradas de ferro, das lojas e das casas comunitárias portuguesas e portuguesas. Esta hotel é dirigido pelo proprietário a seu filho. É mais concorrido e preferido pelos viageiros brasileiros e portugueses, em razão da modicidade de preços e das comodidades que oferece.

LAPEROUZE

SABAO REAL | VIOLET | SABAO
DE TIRIDACE | VIOLET | VIOLET
Bazar de Tinteiros | Bazar de Tinteiros | VELOUTINE

Reservados por entusiastas medicos para a Clínica da Fafe e Belas da Fafe.

Além d'issa o celebre elixir terá sempre por advogados séis, além das elegantes a quem os dentes brancos asseguram a graça de sorris, todas as pessoas desejosas de possuir uma solda dentição, o primeiro elemento da saúde, sob igual, a mastigação tornando-se mil, um ataque da paralysia está quasi sempre eminente.

Agente geral: A Segura, Bordeaux.
Preço de venda em França, Elixir;
3, 4, 5, 12 e 20 francos;

Preço de venda em França, Pôm;
1, 2, 3 e 5 francos.

Preço de venda em França, Pôm;
1, 2, 3 e 5 francos.

Encontra-se em todos os perfumistas,
Cabelleireiros, farmacêuticos, Diag-

ósticos, retratistas, etc.

AS PORTAS DO INFERNO!

... Não prevariquemos nunca contra a Egreja dix o Evangelho. Hoje mesmo isso não sucede porque todos os esforços d'essa concorrência impõem que venham quebrar-se contra a repulsa, cinco vezes secular, do precioso.

Elixir doutrírio dos R.R. P.P. Beneditinos da Abadia de Soula, tornado actualmente o beneditino da moda e cuja vogta se estende a todos os países do mundo!

Em todos os Perfumistas e Cabelleireiros
de França e do Estrangeiro

A VELOUTINE

Pô d'ATTOZ
especial
PREPARADO COM ESSEUTRIO

Por CH^{AS} FAY, Perfumista
9, rue de la Paix, PARIS

ASTHMA E CATARRHO

Curados com os
Operações, Tomás, Coenitripticas, Herbolárias
das Fáceas de Portugal e do Brasil. PARIS. Vendido por granel.
J. BRIT, Rue St-Louis, 80. Envie sua assignatura sobre cada cigarro.

T. JONES
23, Boul^e des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
da Perfumaria Inglesa
EXTRA-FINA

T. JONES
Fluide Latif
Produço sem igual para armazenar
e preservar a pele qualquer irritação.

La Juvenile
Pô sem nenhuma mistura química para os
cuidados de rosto adherente e invisiável.

Lily Wash
Para embellecer e tratar de branquear e Perfumar Homens

Latif Cream
Conserva-se perfeitamente sob todos os climas.
Superior a todos os Cold-Cream conhecidos.

Aqua de Toilette Jones
Tonico e Refrigérante.

Elixir e Pasta Samohti
Dentifrica, antiseptico, Branqueia os dentes, impõe a casta e os tarelos.

T. JONES
23, Boul^e des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
da Perfumaria Inglesa
EXTRA-FINA

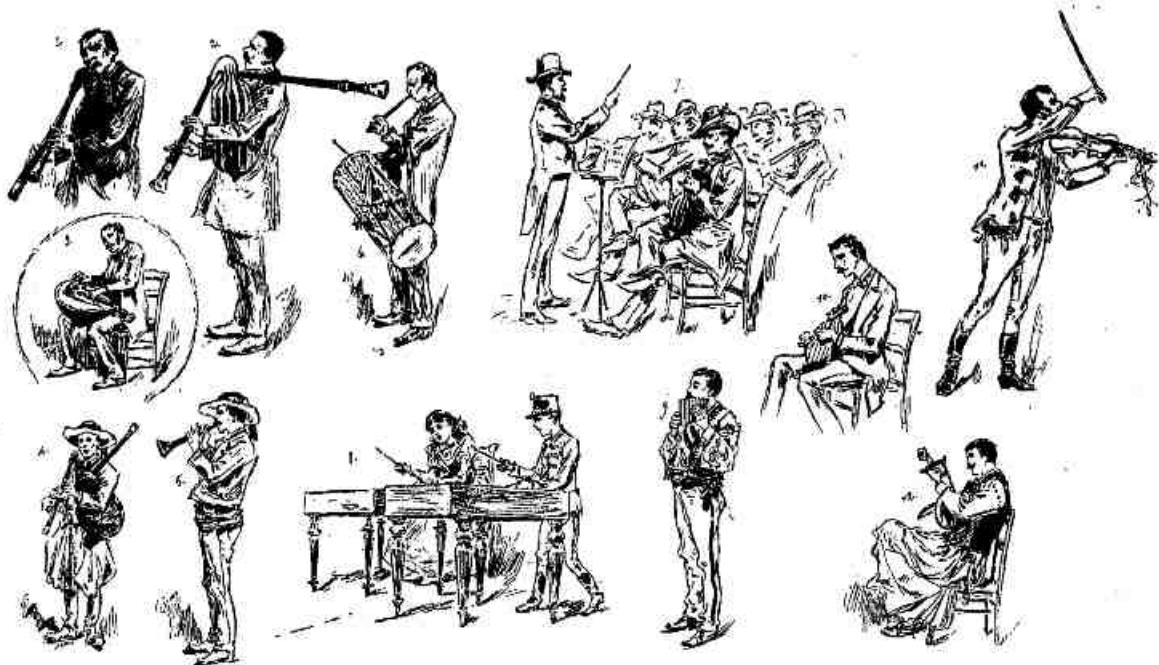
Elixiros compostos

SEMPHINO NEW
NEW ROWE MAY
STEPHANOTIS
OPONAX
VIOLETA
AIDA
W. ROSE
JUBILEE
etc.

DIRESTOES DOENÇAS do ESTOMAGO
DIFÍCILS

ELIXIR GREZ

TONICO - DIGESTIVO com QUINA, COCA e PEPSINA
ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS — Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra
PARIS — GREZ, 54, rue La Bruyère, e em todas as Farmácias



FRANÇA : 1. Binim. — 2. Hombero. — 3. Vielle (Auvergn.). — 4. Gaita de fole. — 5. Clarinete (Brenon). — 6. Tamborineiro. — 7. Evidentino (província de Pernamb.).
ESTRANGEIRO : 8. Cymbalum (Hesgut). — 9. Fracôa de Pao (Eromonha). — 10. Baccholin (Italia). — 11. Rebres (Tigand). — 12. Gaita (Sarria).

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AUDIÇÃO DE MUSICAIS PITTORESCAS.

GUERLAIN DE PARIS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Aqua do Colonia Imperial. — Sapocetti, sabonete de tocador. — Creme Jacobino (Ambrador Cream) para a pele. — Creme do Maravilho para amaciá-la pele. — Pó de Cipreste para brancquear a cutis. — Sétone (calendula) para a pele. — Água de Maria Christina para perfumar e limpar a cabeça. — Água Atheneense e agua Lustrante para perfumar e limpar a cabeça. — Água Imperial Russa. — Água Imperial do Brasil, para o banho. — Água do Colonia Imperial Russa. — Áqua de Cidra e agua de Cipreste para o louçador. — Alcohol do Confiteur, para a doca.



OLEO DE HOGG

de FIGADO FRESCO de BACALHAO

NATURAL e MEDICAL

Hacendado desde 40 ANOS, em
França, Inglaterra, Hispania, Portugal,
Brazil, Republicas Hispano-Americanas, entre os primeiros me-
dicos do mundo, contra as Mal-
estias do Peito, Tésses, Crianças
franzinas, Tumores, Irritações
da Pele, Prendões fracos, Flóre-
bras, etc. O Oleo de Bacalhão
de Hogg é o mais rico em pri-
ncípios actívos.

Vende-se simétrico frascos TRIANGULARES.
Envia-se cada 1 Fr. Miguel e Sello usual
do Estado Francês.

Valor Proprietário : 10000, 2, rue Castiglione, PARIS

E EM TODAS AS PHARMACIAS

Cas De VERTUS Seurs
ESPARTILHOS
PARIS 12, Rue Auber



VINHO DE MILLET

Chalybô Balsámico

Tónico superior duma eficacia certa
na Anemia, Chlórose, Prostração, Im-
potencia, Fevers, Bronchite chronicas,
Doenças mentais e nervosas.

PREÇO 3 FRANCOS. O FRASCO
Romessa para o estrangeiro 2 fr. por 7 fr.

EXPORTE :
41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris

Interessante Descoberta Parisiense
da PARFUMERIE-ORIZA
de L. LEGRAND, 207, Rue St-Honoré, PARIS

PERFUMES ORIZA SOLIDIFICADOS
12 PERFUMES
DECICIOSOS
Sob forma de Lapis
e Pastilhas

Basta esfregar levemente os objectos para
perfumar ou instantaneamente.

LISTA DOS PERFUMES CONCRETOS :
VIOLETTE DU CAZAR. JOCKEY-CLUB Bouquet
JASMIN DESPAGNE. DOPONAX id.
NÉLIOTROPE BLANC. CAROLINE id.
LILAS DE MAI. MIGHARDISE id.
POIN COUPE. IMPÉRIALE id.
ORIZA LYS. ORIZA-DERBY id.
DESCONFIQUE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

Le Studio de París, 12, Rue de l'Université, Paris, 6 - Directrice

Remette-se
Branco o
Catalogo-Bilh.



VERDADEIROS GRÃOS DE SAÚDE DO FRANCK

Antidiarréico, Detoxinante, Purga-
tivo, Digestivo.
Contra a Falta de Apetite,
Crispa os ventres, Aliviamento
de Doenças ordinárias. 1, 2 e 3 Fr. id.
Muito útil para as doenças
mentais e nervosas.
Maior que as CAFÉINAS AZUZAS com
o dobro das PARTIÇÕES. 100 grs. 10 francos.



OCCUPAE as vossas
horas de
repouso em trabalhos de COR-
TE e RECORTES de madeira.
Ornai os vossos quartos com
bonitos objectos construídos
pela nossa propria mão. *Machinâs* servas,
desenhos e mais utensílios. Envie-se franc-
o catalogo ilustrado por 30 cent. 3, Rue de
Fidelle, Paris.

LA CHARMERESSE

Pô refrigerante, o seu mais alto de beleza. A composição absolutamente nova no ponto de vista da higiene, a sua forma, desportiva e a sua perfeita aderência, fazem recomendar a seu uso para
as peles delicadas. Refresca a pele, alivia as crises de calor, dá ao rosto a brancura pálida, serraduras e desordens de casca e de desaparecer como por encanto todas as imperfeições da pele. Águas, vermú, etc.
Para o banho de luxo, bathe os seios e coloque a CHARMERESSE CONCENTRADA e solidificada em creme, muito aderente. GRANDE NOVIDADE. — D'YSSÈRE, fabricante, 1
Rue J.-J.-Reussens, n.º 1, Paris. — Em Lisboa: GODFROY, Rua Garrett, 21; BENARD, Rua Garrett, 78; ESTACIO & Cia, Praça do Dr. Pedro (Rossi), e os mercados infantis de Lisboa e de Viseu.

FERRO QUEVENNE Fôrce aprovado pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS, ven: Anomia, Febre do Sangue, Fluxo
brasão, perdas. Envia-se Sello de UNIÃO DOS FABRICANTES - 14, rue des Beaux-Arts, PARIS e Paris. — 50 ANOS
de SUCESSO

Le Gérant : P. MOUILLOT.

PARIS. — IMPRENSA P. MOUILLOT, 15, QUAI VOLTAIRE.